

---

# Barca do Xerez de Baixo: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos

ANA CRISTINA ARAÚJO\*  
FRANCISCO ALMEIDA\*

**R E S U M O** Descoberta no âmbito do *Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico do Empreendimento do Alqueva*, a jazida epipaleolítica da Barca do Xerez de Baixo veio a revelar-se como um dos locais mais promissores para o conhecimento das comunidades de caçadores-recolectores do Holoceno inicial em território português. Situada no interior sul alentejano, numa região tradicionalmente considerada como deserto humano nos períodos mais antigos da história da Humanidade, os trabalhos arqueológicos realizados nesta jazida entre 1998 e 2003 vieram demonstrar a existência de um novo território de povoamento epipaleolítico, cujos limites, temporais e espaciais, nos são, porém, ainda desconhecidos. Após uma primeira caracterização da jazida realizada em 1999 (ver nota 1), são dadas agora a conhecer as novas áreas escavadas e uma primeira hipótese de correlação estratigráfica entre os diferentes horizontes de ocupação detectados no local. Sugere-se, com base no tipo, distribuição e condições de jazida dos vestígios, que este local possa ter funcionado como posto privilegiado no abate e tratamento das espécies faunísticas caçadas.

**A B S T R A C T** Found on the framework of the Impact Mitigation Plan for the Alqueva Enterprise, the epipaleolithic site of Barca do Xerez de Baixo has proved to be one of the most promising sites for the understanding of the early Holocene hunter-gatherers communities of the Portuguese territory. Located in the interior of Alentejo, in a region traditionally considered as a human desert during the oldest periods of humankind, the excavations carried out at the site between 1998 and 2003 demonstrated the existence of a new epipaleolithic territory, the temporal and spatial limits of which are still unknown. Following a previous characterization of this site in 1999 (see note 1), the new excavation areas and a first hypothesis of stratigraphic correlation between the different archaeological levels detected are now presented. We suggest, based on the type, distribution and site integrity that the site functioned essentially as a specialised place for the killing and processing hunted animals.

## 1. Introdução

No seguimento das medidas de minimização propostas para o ano de 2001 (STEA, 2000), foi realizada a última campanha de escavações no sítio epipaleolítico da Barca do Xerez de Baixo, sob a direcção de campo da primeira signatária. Esta campanha inseriu-se no âmbito do Plano de Medidas de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico do Empreendimento do Alqueva, afecto ao BLOCO 1, da responsabilidade da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia, STEA. Os trabalhos arqueológicos decorreram entre Maio e Novembro (mais um mês do que inicialmente previsto na proposta de intervenção entregue à EDIA e ao IPA) e neles participaram seis arqueólogos e dois técnicos de arqueologia a tempo inteiro, estudantes universitários e especialistas de diversas áreas de investigação associados ao projecto de escavação e estudo da jazida.

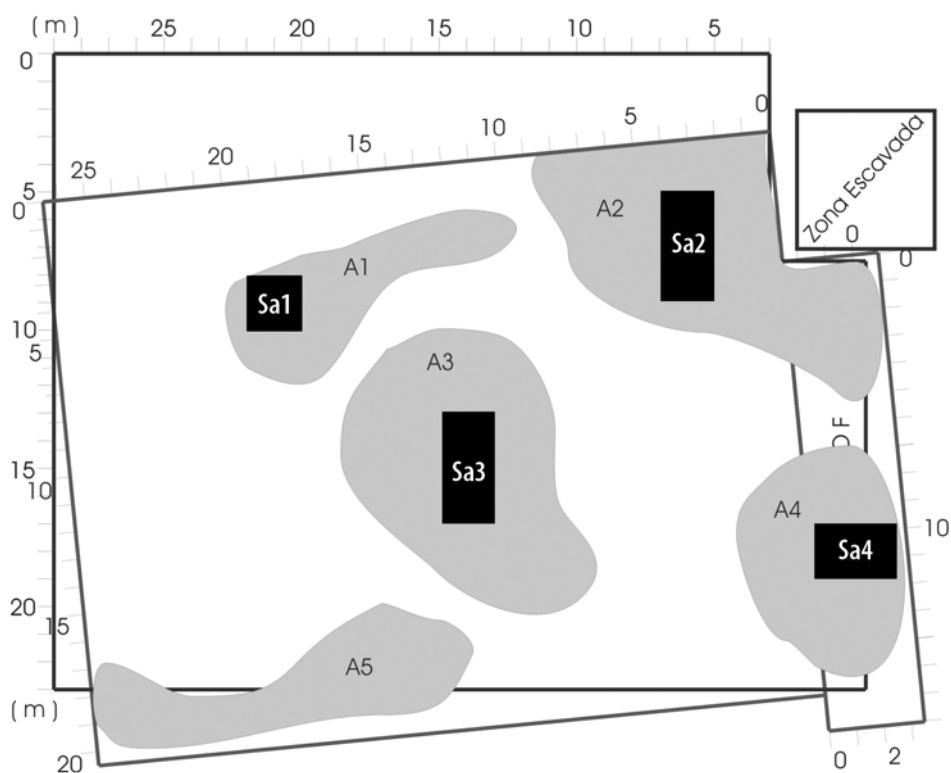


Fig. 1 Planta da geofísica com a implantação das áreas a escavar (que correspondem às áreas de maior concentração de vestígios, segundo a técnica geofísica aplicada).

Tal como referido no relatório-síntese de 2000, a área aberta nas duas campanhas de escavação, de 1998 e 1999, mostrou-se claramente insuficiente para a caracterização do sítio — apenas 30 m<sup>2</sup>, num total estimado de cerca de 3000 segundo os dados fornecidos pela prospecção geofísica realizada no local — tanto mais que o mesmo se veio a revelar de uma importância extraordinária, e com características únicas, dado o elevado grau de preservação dos vestígios aí presentes. Os resultados destas primeiras campanhas foram já, aliás, objecto de uma publicação sumária nesta mesma revista<sup>1</sup>.

Assim, a campanha de 2001 foi concebida e preparada de modo a responder às questões e propostas referidas no relatório de 2000, tendo as novas áreas de intervenção sido abertas de acordo com as informações fornecidas pelo estudo geofísico (Fig. 1). Procedeu-se, previamente, à remoção controlada e faseada de cerca de três metros de sedimentos estéreis por meios mecânicos, possibilitando uma melhor resolução, definição e individualização dos *sinais* transmitidos pela técnica de geo-radar aplicada.

Foram, deste modo, e numa primeira fase, seleccionadas três novas áreas de intervenção (áreas 2, 3 e 4), correspondentes a áreas de reflexão mais elevada, de acordo com a geofísica, seguindo a nomenclatura, orientação e metodologias definidas e aplicadas na área 1. Numa segunda fase procedeu-se à ligação entre si destas áreas, por meios mecânicos, de forma a obter dois perfis: um, com orientação N/S (paralelo à ribeira que corre junto à Barca), outro, com orientação E/O, paralelo ao Guadiana. Estes perfis foram fundamentais para a compreensão das condições de formação e de jazida do sítio, bem como para a recolha de amostras para análise sedimentológica. Na abertura destas valas de sondagem foi detectada uma nova área de combustão para Oeste da área 3, designada então por área 5 (Fig. 2).

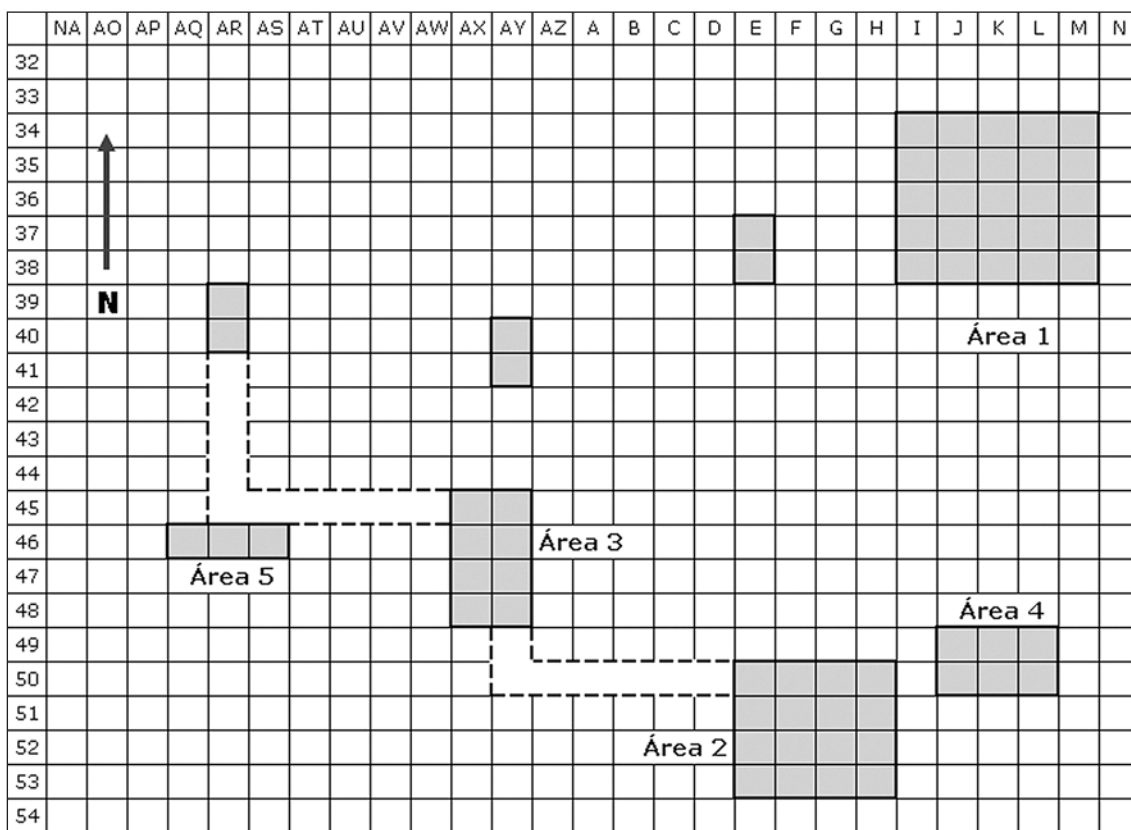


Fig. 2 Planta com a implantação das diferentes áreas de escavação e das sondagens abertas. Assinala-se, a tracejado, as valas de sondagem abertas por meios mecânicos.

## 2. Áreas escavadas e metodologias aplicadas

### 2.1. Áreas escavadas

Cada uma das áreas foi subdividida em unidades de 1 metro quadrado (ver Fig. 2), referenciadas a partir da grelha de escavação montada na área 1, tendo sido utilizado o mesmo ponto de referência (ponto 0) para as profundidades. O canto SW foi definido como ponto 0 de cada quadrado, a partir do qual foram marcados os eixos do X (com orientação W-E) e do Y (com orientação S-N) para a coordenação tridimensional e orientação de vestígios e estruturas. Cada metro quadrado foi subdividido, por sua vez, em quadrantes.

#### 2.1.1. Área 2 (ver Fig. 2)

Localizada 11 metros para sul da área 1 (contados a partir do canto SW de I38), prolongando o eixo que delimita o corte oeste (eixo do Y). Foram abertos 16 m<sup>2</sup> (4 x 4), que incluem as unidades E 50 a E 53, F 50 a F 53, G 50 a G 53 e H 50 a H 53. Foi a primeira área a ser escavada, tendo sido identificados três diferentes níveis com vestígios de ocupação arqueológica. Sobrepondo a grelha de escavação arqueológica da área 2 à malha definida pelo estudo geofísico, verifica-se que não existe uma sobreposição completa entre as duas. Este facto ficou a dever-se a uma incorrecção na projecção e orientação das linhas, resultante da assimetria topográfica do terreno. Esta situação foi posteriormente rectificadada.

110 / 210 <b>18</b>	103 / 258 <b>22</b>	100 / 260 <b>22</b>	106 / 260 <b>22</b>	50
105 / 210 <b>18</b>	101 / 257 <b>22</b>	101 / 260 <b>22</b>	105 / 259 <b>22</b>	51
98 / 262 <b>22</b>	98 / 262 <b>22</b>	99 / 285 <b>25</b>	104 / 275 <b>24</b>	52
97 / 256 <b>22</b>	100 / 259 <b>22</b>	99 / 282 <b>25</b>	101 / 282 <b>25</b>	53
E	F	G	H	

Neste esquema (que retrata, em plano, a área 2) encontram-se especificadas, em termos absolutos, as cotas de topo e de base da escavação (topo / base), bem como o nível artificial atingido em cada um dos quadrados da área 2 (valor a negrito). Como se pode verificar, foram escavados, em média, 150 cm (sem contar com os cerca de 3 metros de sedimentos estéreis retira-

dos mecanicamente), subdivididos em unidades artificiais de 5 cm, no caso dos níveis com ocupação arqueológica, ou de 10 cm, no caso de níveis pobres ou estéreis do ponto de vista arqueológico.

Durante os trabalhos, a área 2 foi sujeita a três grandes episódios de inundação, o último dos quais impossibilitou, em definitivo, o prosseguimento normal dos trabalhos de escavação (ver Fig. 4).

### 2.1.2. Área 3 (ver Fig. 2)

Localizada 5 metros para Oeste da área 2 (contados a partir do canto NW de E50), prolongando o eixo que delimita o corte norte (eixo do X). Foram abertos 8 m<sup>2</sup> (2 x 4), que incluem as unidades AX 45 a AX 48 e AY 45 a AY 48. A identificação de uma estrutura de combustão em AY 46 e AY 47 obrigou à abertura de mais dois metros quadrados contíguos, para leste destas duas unidades de escavação. Foram identificados três níveis arqueológicos, tendo sido atingido, nesta área, o substrato rochoso.

104 / 322 <b>18</b>	106 / 279 <b>14</b>		45
108 / 414 <b>14</b>	107 / 321 <b>18</b>	118 / 210 <b>8</b>	46
111 / 321 <b>18</b>	108 / 282 <b>14</b>	119 / 210 <b>8</b>	47
113 / 286 <b>14</b>	108 / 320 <b>18</b>		48
AX	AY	AZ	

Encontram-se igualmente especificadas, no esquema anterior, as cotas de topo e de base da sequência escavada na área 3, bem como os níveis artificiais atingidos em cada quadrado. Dada a progressiva rarefacção de restos arqueológicos observada a partir do nível 14, optou-se pela continuação da escavação em quatro quadrados apenas (escavação em xadrez), até se atingir a base do nível 18. Em AX 46, porém, foi removida a totalidade dos sedimentos até se atingir a rocha base (constituída por granito alterado). As cotas que se apresentam nesta tabela não incluem, igualmente, o pacote de sedimentos removido anteriormente por meios mecânicos (cerca de três metros, em média). Foram detectados nesta área dois níveis distintos de cascalheira: o primeiro, a cerca de 320 cm de profundidade; o segundo, a cerca de 400 cm.

Os depósitos escavados na área 3 apresentam uma clara inclinação para Sul e para Este, ou seja, para o Guadiana e para a pequena linha de água que corre junto à Barca. As fortes chuvas do início do Outono afectaram igualmente esta zona de escavação, tendo sido inundada por três vezes consecutivas. Foi possível, no entanto, e através de um sistema de bombagem sistemática e contínua das águas, montado especificamente para o efeito, prosseguir e finalizar os trabalhos de escavação na área 3.

### 2.1.3. Área 4 (ver Fig. 2)

Contígua à área 2, mas para leste. Foram inicialmente abertos 15 m<sup>2</sup> (3 x 5), tendo-se optado, numa segunda fase, pela escavação de 6 m<sup>2</sup> apenas (2 x 3), dadas as limitações de tempo impostas para a conclusão rápida dos trabalhos de escavação da jazida. Estes seis metros quadrados incluem as unidades J 49 e J 50, K 49 e K 50, L 49 e L 50. Foi identificado um nível principal com vestígios de ocupação arqueológica, que se encontrava embalado num pacote relativamente espesso de sedimentos. O contexto aqui escavado parece corresponder, em parte, a uma acumulação de materiais provenientes de outros sectores, não excluindo, no entanto, a hipótese da existência de outros materiais *in situ*.

105 / 391 <b>15</b>	109 / 393 <b>15</b>	110 / 440 <b>16</b>	49
106 / 393 <b>15</b>	108 / 394 <b>15</b>	111 / 440 <b>16</b>	50
J	K	L	

Encontram-se nesta tabela as respectivas cotas de topo e de base da escavação na área 4, bem como os níveis artificiais atingidos em cada unidade de m<sup>2</sup>. No nível 16, que corresponde a um pacote de sedimentos espesso e estéril do ponto de vista arqueológico (escavado apenas nas unidades L 49 e L 50), foi identificada uma cascalheira com cerca de 30 cm de espessura. No seu interior foram recolhidos alguns artefactos muito rolados e patinados. Poderão corresponder a uma ocupação mais antiga deste local, provavelmente contemporânea da que foi detectada no perfil de uma sondagem geológica aberta nas imediações e que forneceu alguns materiais no interior de uma cascalheira sobrejacente ao substrato rochoso. Por baixo da cascalheira posta a descoberto na área 4, o sedimento, estéril do ponto de vista arqueológico, torna-se muito argiloso e compacto, assentando directamente no substrato rochoso.

### 2.1.4. Área 5 (ver Fig. 2)

Localizada para oeste da área 3, a área 5 foi escavada de forma a recuperar uma estrutura de combustão (Estrutura E) posta a descoberto pela abertura, através de meios mecânicos, de

uma vala de sondagem de ligação das diferentes áreas de escavação e de sondagem. Corresponde a uma superfície de 3 m<sup>2</sup>, com orientação W-E.

144 / 216 11	141 / 214 11	137 / 211 11	46
AQ	AR	AS	

As cotas de topo aqui apresentadas correspondem à base do nível 1, após a remoção mecânica de um primeiro pacote de sedimentos remexidos pela máquina e regularização posterior da superfície de escavação. Os trabalhos realizados na área 5 foram, por várias vezes, e à semelhança do que aconteceu nas restantes áreas, interrompidos devido às inundações provocadas pelas fortes chuvadas. No entanto, foi mesmo assim possível recuperar grande parte da estrutura aqui posta a descoberto. Salienta-se que o nível arqueológico apresenta igualmente uma inclinação para Este e para Sul.

### 2.1.5 Sondagens (ver Fig. 2)

Foram realizadas sondagens pontuais noutras zonas consideradas de *maior amplitude sonora* segundo os resultados da geofísica. Na primeira, correspondente aos quadrados E 37/E 38, o nível arqueológico foi detectado sensivelmente a um metro de profundidade (à semelhança do que se verificou na área 1, situada poucos metros para leste desta sondagem); em AY 40/41, é o substrato rochoso que aparece a esta cota; em AR 39/40, porém, foi detectada uma primeira cascalheira a cerca de um metro de profundidade e uma segunda, aparentemente mais potente, a cerca de dois metros de profundidade (ver Fig. 19). Ambos os depósitos apresentam forte inclinação para Sul. Estes trabalhos permitiram confirmar a existência de uma grande heterogeneidade topográfica e estratigráfica dos depósitos e a enorme complexidade dos processos envolvidos na formação desta jazida.

## 2.2. Metodologias

As metodologias de escavação foram constantemente readaptadas ou reajustadas consoante as situações, de modo a concretizar os objectivos delineados previamente. O tempo disponível, o tipo de sítio e a natureza dos achados determinaram a adopção de diferentes estratégias de escavação e de recuperação da informação (artefactual e técnico-científica), tendo sido por vezes muito difícil conjugar a celeridade e o carácter de que se reveste um trabalho arqueológico de urgência e de salvamento, com as exigências técnico-científicas de escavação de uma jazida com as características, especificidade e importância como as da Barca do Xerez.

Tal como referido anteriormente, a escavação processou-se por áreas e, no interior destas, por unidades de metro quadrado seguindo a nomenclatura utilizada nos trabalhos arqueológicos realizados anteriormente na área 1. Os sedimentos foram escavados por quadrantes e por níveis artificiais de 5 e/ou 10 cm, consoante os casos (realizando, sistematicamente, as respectivas topogra-

fias de base), com coordenação tridimensional dos artefactos e ecofactos mais significativos (utensílios e núcleos, no caso da componente lítica, fragmentos ósseos identificáveis, no caso da componente faunística, carvões, amostras para processamento cronométrico, elementos de estruturas). Os restantes materiais foram referenciados tendo em conta o quadrado, quadrante e nível em que foram exumados, separando, contudo, a componente lítica debitada dos termoclastos e outros elementos pétreos. Este processo foi utilizado, sistematicamente, em todas as áreas escavadas. No caso de estruturas e níveis de concentração de vestígios de ocupação humana foi elaborado o desenho, às escalas 1:5 ou 1:10 (Fig. 3), tendo sido utilizada a fotografia digital como base para a identificação, individualização e levantamento dos vestígios aí presentes (Fig. 4).

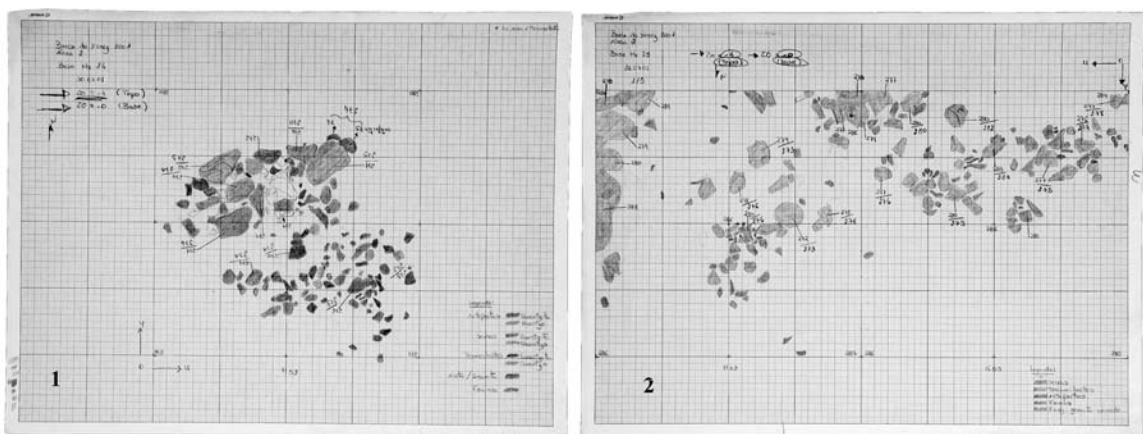


Fig. 3 Exemplos de levantamentos gráficos: 1. área 2, H 52, estrutura D; 2. área 2, H e G 53, base do nível artificial 25.

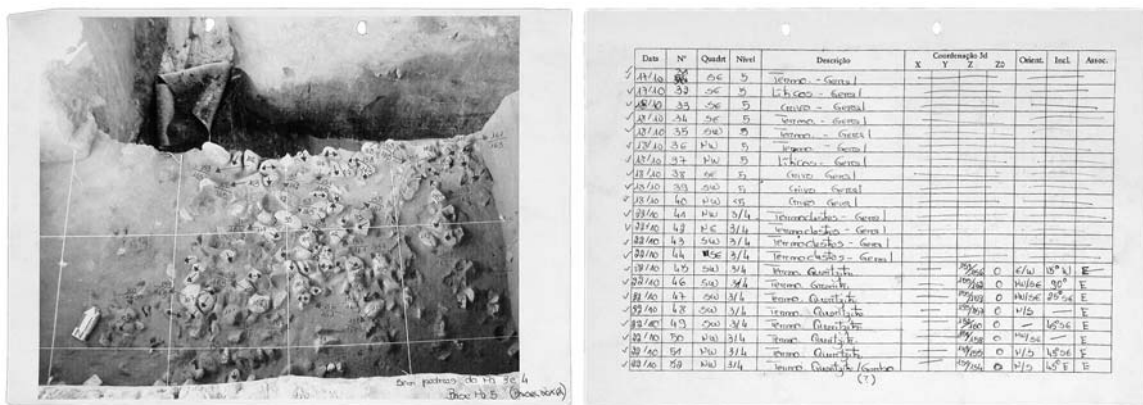


Fig. 4 Exemplo da utilização da fotografia digital para o levantamento de uma estrutura (os vestígios são numerados na foto impressa em papel, com a indicação das orientações, inclinações e respectivas profundidades).

Os sedimentos provenientes de níveis de concentração de vestígios arqueológicos foram criados na sua totalidade a água, com crivos de malha fina (1,5 mm); no caso de sedimentos provenientes de níveis com baixa densidade de vestígios utilizou-se o crivo a seco, por vezes por amostragem; os sedimentos provenientes de níveis estéreis ou de sondagens mecânicas não foram crivados. Para o crivo a água foi utilizado um sistema de captação de águas provenientes do Guadiana (através de um gerador eléctrico), que eram armazenadas junto ao local de escavação num contentor montado especificamente para o efeito, e com capacidade para cerca de 5000 litros.



Nesta campanha colaboraram especialistas de diversas áreas relacionadas com as arqueociências e ligados ao projecto de estudo da jazida. Uma equipa do Instituto Tecnológico e Nuclear<sup>2</sup> procedeu, por várias vezes, à recolha de amostras de sedimentos e termoclastos para datação por TL e OSL, tendo participado, igualmente, na delimitação de estratégias de intervenção do sítio. Foram recolhidas amostras nas áreas 1, 2, 3 e 4, nos níveis de maior concentração de vestígios arqueológicos e realizadas as leituras para medição do teor em radioactividade. Estas amostras encontram-se ainda em fase de processamento.

No âmbito do estudo das condições de formação do sítio e da geologia envolvente foram abertas várias sondagens para leitura dos respectivos perfis e recolha de amostras para o estudo da micromorfologia dos solos. Este trabalho foi realizado por duas equipas distintas, uma da Universidade do Minho, dirigida por José Meireles, e outra do CIPA, dirigida por Diego Angelucci.

A equipa de geofísica procedeu, durante esta campanha, à reavaliação dos dados obtidos anteriormente, através da realização de prospecções pontuais na área. Estes trabalhos foram fundamentais para a compreensão da natureza das anomalias entretanto verificadas na sequência dos trabalhos de escavação, e para o próprio reajustamento da técnica geofísica aplicada.



Fig. 5 1. área 1, leitura dos teores de radioactividade no corte Oeste, onde se recolheu uma amostra de sedimentos para datação por TL; 2. prospecção geofísica; 3. limpeza e análise de perfis.

Para a compreensão da arquitectura, tipologia e funcionalidade das estruturas de combustão detectadas na Barca foi realizado, durante o mês de Agosto, um exercício que consistiu na construção, e posterior utilização, de duas lareiras experimentais com vista à sua posterior escavação. Pretendia-se, com esta experiência, compreender os processos envolvidos na construção deste tipo de vestígios, o comportamento dos elementos constituintes (sedimentos e seixos) e as alterações verificadas após a sua utilização. Na construção destas lareiras foram utilizados seixos rolados de quartzo e quartzito provenientes de uma cascalheira situada nas proximidades (o mesmo tipo de elementos que compõem as estruturas arqueológicas) e, para a sua combustão, seleccionados ramos de arbustos e árvores recolhidos igualmente na área. A primeira lareira foi utilizada para a cocção, em ambiente aberto, de moluscos (mexilhões); a segunda, para a cocção, em ambiente fechado, de carne. Depois de utilizadas, estas estruturas foram abandonadas. A sua escavação foi realizada durante o mês de Dezembro, já quando as mesmas se encontravam completamente colmatadas por sedimentos. Todo este processo — de construção, utilização e escavação — foi devidamente registado. Os resultados serão utilizados como termo de comparação quando se proceder ao estudo integral da jazida.

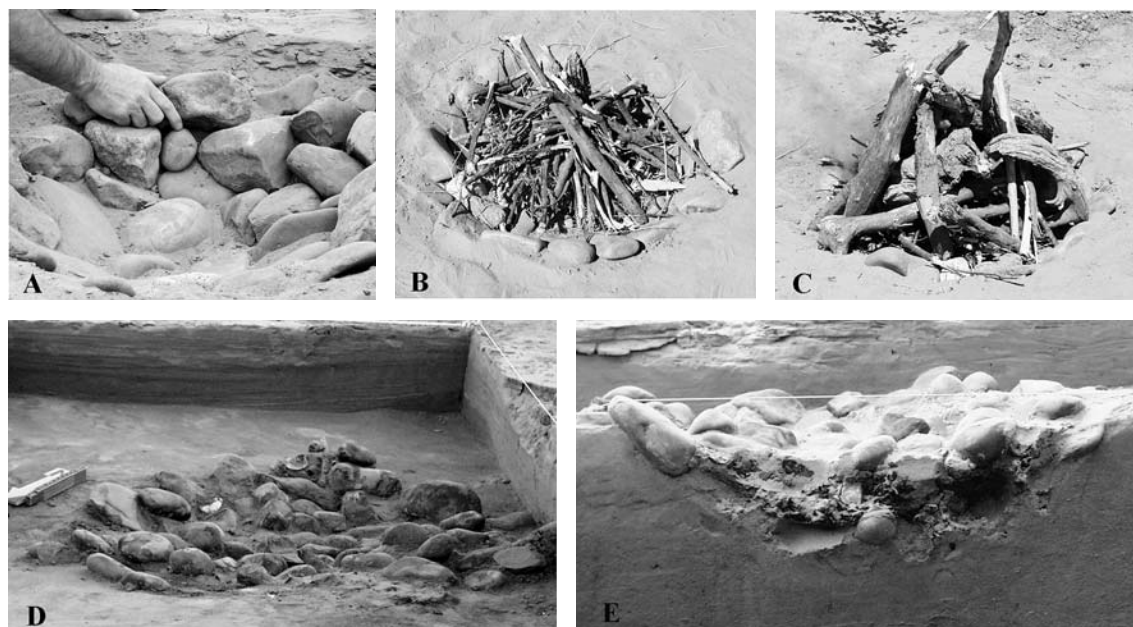


Fig. 6 Arqueologia experimental. A, B, e C, construção e utilização da lareira experimental; D e E, a mesma lareira em processo de escavação.

### 3. Condições de Jazida

Apesar de o grau de preservação dos vestígios presentes na área 1 não encontrar, aparentemente, paralelo nas novas áreas escavadas, os trabalhos de 2001 foram fundamentais para a compreensão dos processos de formação do sítio, sobretudo da sua enorme complexidade e diversidade, e das respectivas alterações sofridas de natureza pós-deposicional. Nestes aspectos, a Barca constitui um manual prático exemplar para o conhecimento dos mecanismos (naturais e antrópicos) envolvidos na acumulação, abandono e modificação de um sítio arqueológico, entendidos numa perspectiva sincrónica e diacrónica. Apesar de não ser possível estabelecer, por enquanto, um quadro comparativo coerente que correlacione as cinco áreas escavadas, espacial e estratigraficamente, serão apresentadas algumas hipóteses de explicação com base no tipo, distribuição e conservação dos vestígios aí presentes.

#### 3.1. Distribuição espacial e vertical dos achados

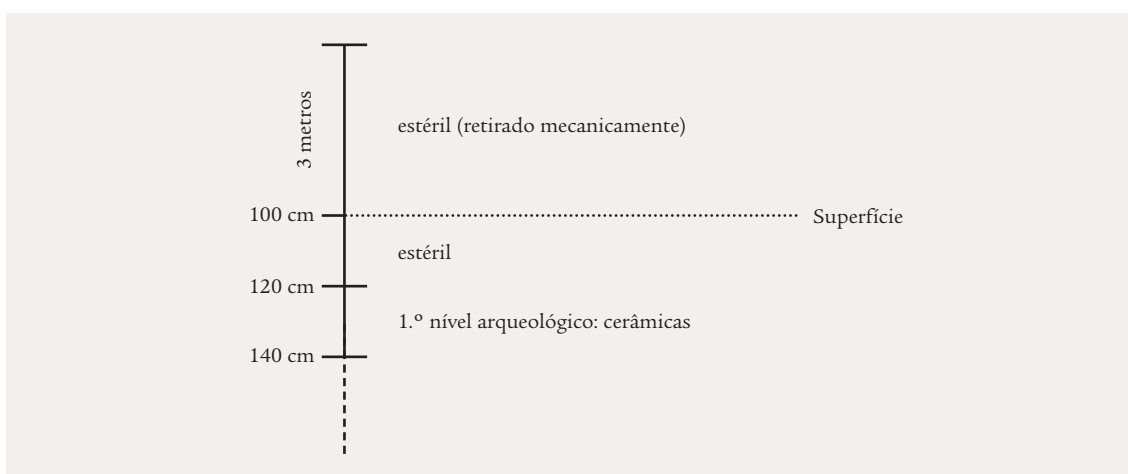
##### 3.1.1. Área 2

Foram identificados três episódios distintos de ocupação na área 2, com resolução estratigráfica clara.

##### *A sequência: arqueostratigrafia*

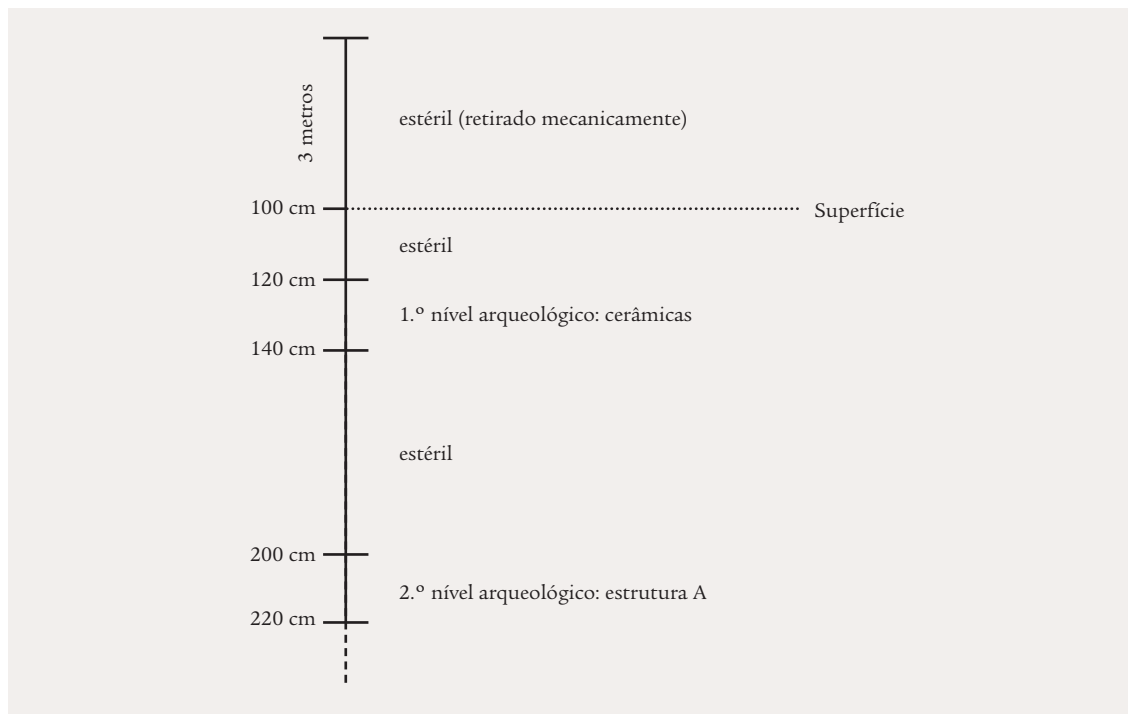
**A.** Acumulação de um conjunto de cerâmicas dispostas maioritariamente na vertical e sub-vertical, que se encontravam concentradas sobretudo nas fiadas E e F / 51 e 52, sendo possível proceder à remontagem de grande parte dos fragmentos. Trata-se de uma cerâmica muito uniforme do ponto de vista das pastas, acabamentos e formas, devendo correspon-

der a um número de recipientes reduzido (dois a três, no máximo). Alguns dos fragmentos apresentam decoração incisa e impressa, de cariz simbólico, bem contextualizada e documentada no universo megalítico de Reguengos. A presença deste conjunto de cerâmicas, as respectivas condições de jazida e a ausência de qualquer outro tipo de vestígios com ele relacionados, apontam para as seguintes hipóteses de explicação: uma deposição accidental, relacionada com o abandono antrópico deste material; um fenómeno natural de transporte, a partir de um local situado nas proximidades, e posterior redeposição. A primeira hipótese parece, contudo, a mais provável. O facto de ser possível proceder à colagem de muitos dos fragmentos cerâmicos, associado ao tipo de distribuição espacial, muito circunscrita, e implantação, maioritariamente na vertical e sub-vertical, sugere que estes vestígios possam ter sido abandonados no local numa altura em que o mesmo se encontrava sob a influência das águas do Guadiana, ou seja, nas suas margens. Os recipientes teriam ficado enterrados em sedimentos muito móveis, e húmidos, fragmentando-se sob pressão da água. Esta hipótese explicaria o estado de conservação deste conjunto de cerâmicas, que se desfaziam ao simples toque. As circunstâncias deste achado são-nos, no entanto, completamente desconhecidas. Constitui o **1.º nível de ocupação arqueológica** (camada 1)



**B.** Presença de uma estrutura de combustão (designada por Estrutura A) que se encontrava circunscrita aos quadrantes SE e SW de G 51 e NE e NW de G 52. Apareceu na base do nível 16 ( $\cong$  200 cm de profundidade), terminando na base do nível 19 ( $\cong$  220 cm de profundidade). Tratava-se de uma lareira construída com seixos de quartzo e quartzito que apresentavam as superfícies rubefactas e estalamentos térmicos evidentes. Em redor e no interior desta estrutura não apareceu qualquer outro elemento, lítico ou faunístico, associado. As características e condições de jazida deste achado sugerem a presença de um horizonte de ocupação já praticamente dismantelado, provavelmente em resultado de processos erosivos diferenciais relacionados com a dinâmica do Guadiana ou, menos provavelmente, das vertentes. Esta hipótese encontra fundamento no facto de apenas se ter conservado a componente mais grosseira desta ocupação — que corresponde aos elementos que compõem a estrutura — que se encontrava embalada em sedimentos compactados e queimados devido à acção do fogo e, por isso, mais resistentes à erosão. Estas condições acabariam por favorecer a conservação da estrutura.

Esta constitui o **2.º nível de ocupação arqueológica** (camada 2a).



**C.** Horizonte de ocupação definido por zonas de concentração de vestígios — termoclastos, indústria lítica, restos faunísticos (raros) e seixos — intercaladas, lateralmente, por zonas praticamente estéreis do ponto de vista arqueológico (Fig. 7). Este horizonte de ocupação apareceu na base do nível artificial 22, a cerca de 250 cm de profundidade, e apresentava uma inclinação para sul e, mais acentuadamente, para este. Nos quadrados E e F, 52 e 53, identificou-se uma cascalheira já parcialmente desmantelada. As características e os padrões de orientação e distribuição espacial dos vestígios sugerem a existência de diversas alterações de natureza pós-deposicional, relacionadas quer com a dinâmica do Guadiana — ocorrência de episódios de inundação — quer com a erosão das vertentes superiores, provocada pela escorrência de águas (em regime torrencial), dando origem à formação de canais de erosão. Estas hipóteses encontram fundamento nos seguintes factos:

- presença de um sedimento arenoso (areão) com uma componente numerosa de seixos rolados de muito pequena dimensão, característica da matriz sedimentológica fluvial;
- presença, residual, da componente mais grosseira (mais pesada e de maiores dimensões) em detrimento da mais fina (lavada?), que se encontra praticamente ausente;
- conservação, apenas e parcial, das zonas que se encontravam queimadas (e onde foi possível proceder a remontagens de termoclastos e indústria lítica);
- organização dos vestígios em figuras serpenteadas, típica de episódios de natureza erosiva (Fig. 7);
- presença, em toda a área, de materiais provenientes da desagregação (natural e antrópica?) da cascalheira.

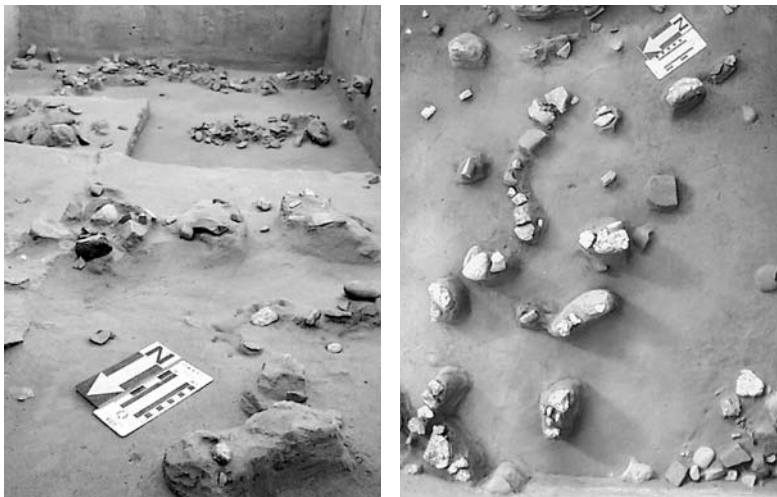


Fig. 7 Área 2, 3.º nível arqueológico.

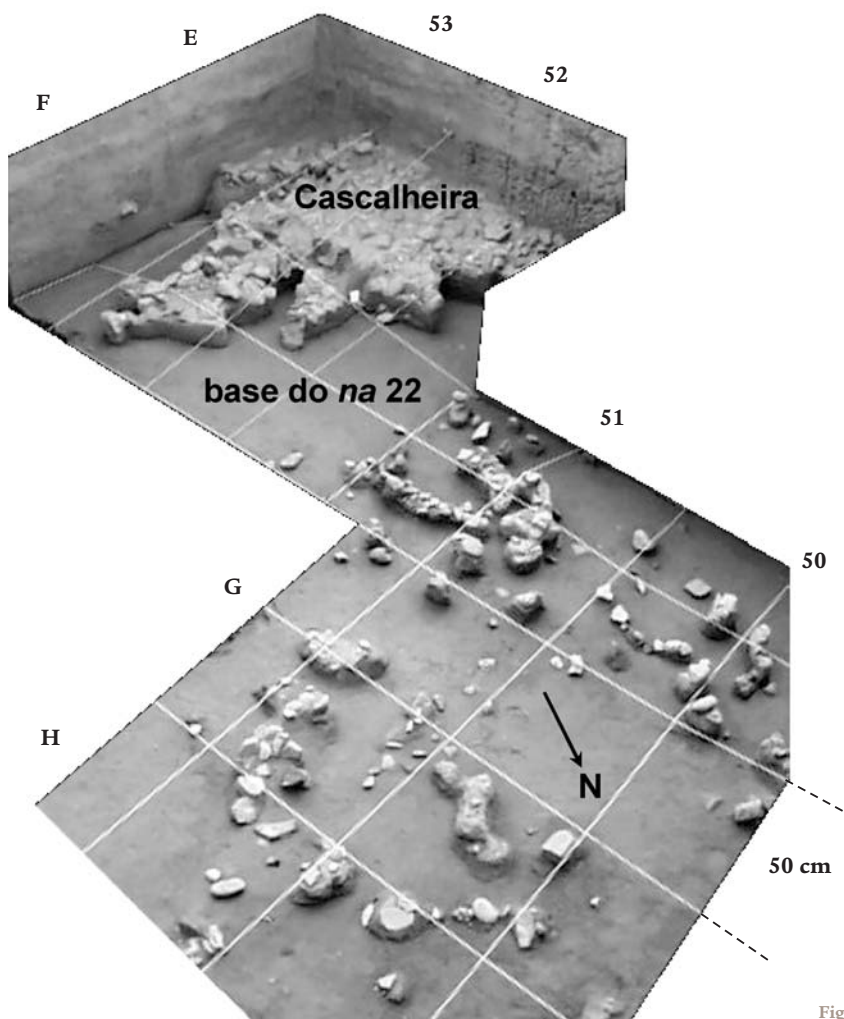
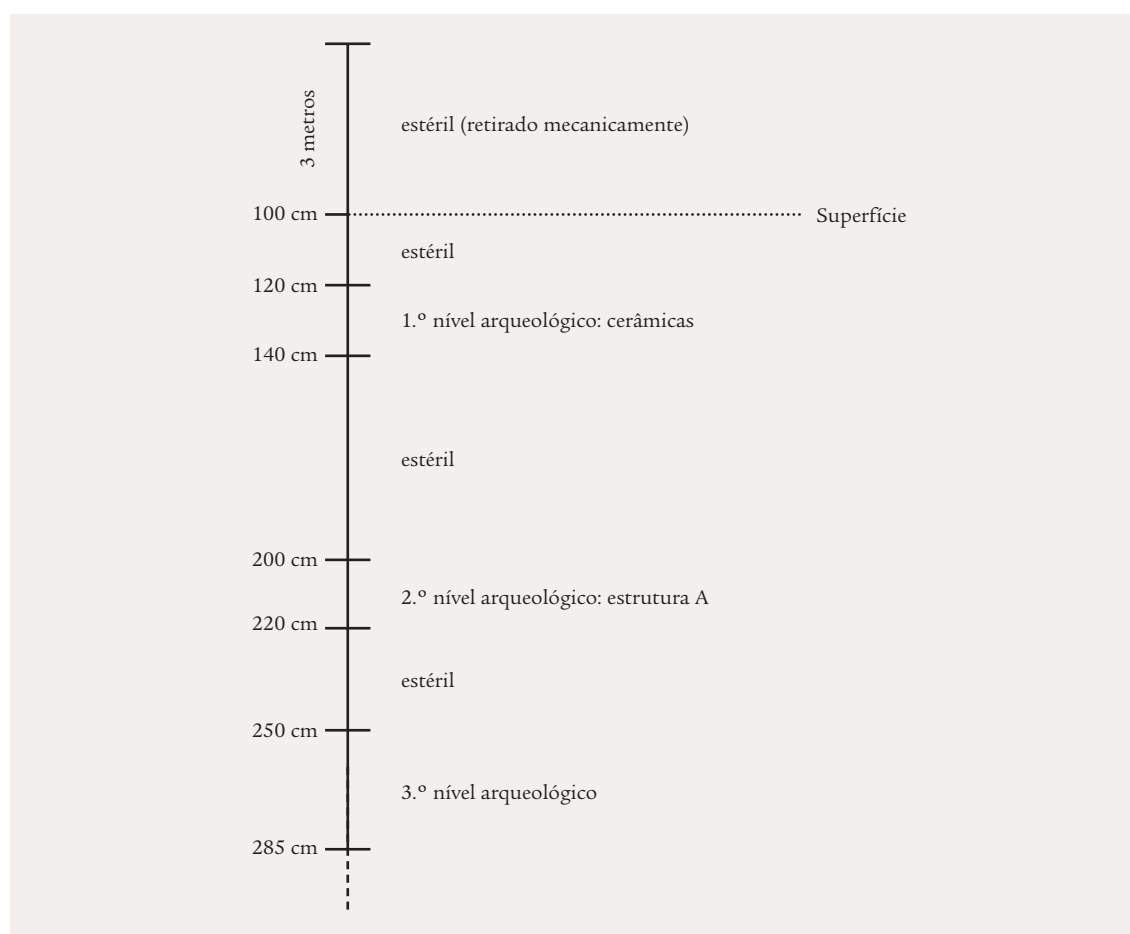


Fig. 8 Área 2, base do *na* 22.

As condições de jazida referidas anteriormente sugerem, como hipótese mais provável, a presença de um horizonte de ocupação parcialmente destruído devido à ocorrência de episódios de inundações do Guadiana e à desagregação da cascalheira, que terão, combinadamente, levado à deslocação, transporte, redeposição e destruição parcial dos vestígios arqueológicos (Fig. 8).

Estes processos de alteração das condições originais de deposição não excluem, no entanto, a hipótese de esta ocupação ter tido lugar, pelo menos em parte, na zona designada por área 2, tanto mais que foram aqui identificados restos, ainda *in situ*, de uma estrutura de combustão. Com efeito, em H 52, nível 24, foi possível recuperar parte de uma provável lareira (designada por Estrutura D), que se encontrava embalada num sedimento mais escuro e compacto (devido à ação do fogo) e cujos termoclastos permaneciam, ainda, nas suas posições originais (remontando, por vezes, entre si). Estaríamos, igualmente neste caso, perante um processo de erosão diferencial.

As hipóteses colocadas só poderão ser plenamente confirmadas (ou, eventualmente, refutadas) quando se proceder ao estudo integral da jazida nas suas mais diversas componentes. Os vestígios descritos anteriormente constituem o **3.º nível de ocupação arqueológica** (camada 2b).



A escavação dos níveis subjacentes não pôde prosseguir devido à inundações da área 2 pelas águas das chuvas que destruíram e colapsaram os respectivos cortes. Esta área ficou, novamente, enterrada (Fig. 9). A sequência subjacente foi, no entanto, posta a descoberto na área 4, que lhe é imediatamente adjacente.

Após a inundação, foi possível observar as respectivas consequências:

- deslocação, transporte e redeposição de vestígios que se encontravam à superfície (em toda a área 2);
- formação de canais de erosão, que arrastaram materiais e sedimentos das vertentes;
- enterro, muito rápido, de algumas sondagens que se encontravam abertas;
- destruição e colmatagem das valas geológicas;
- enterro, rápido, das lareiras experimentais.

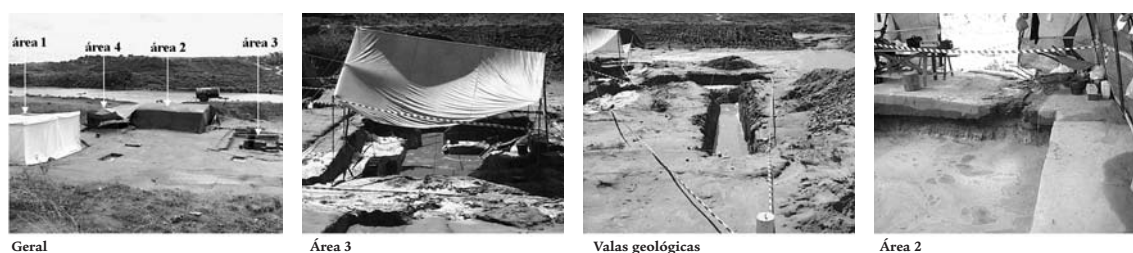


Fig. 9 Fotos da inundação do sítio pelas águas das chuvas.

Saliente-se, no entanto, que estes efeitos ocorreram numa área terraplanada, ou seja, desprovida de vegetação, em oposição às condições originais provavelmente existentes.

A análise destes efeitos não deixa de ser fundamental para a compreensão dos processos de formação do sítio e das condições de jazida dos vestígios arqueológicos identificados na Barca do Xerez.

#### *A sequência: litoestratigrafia*

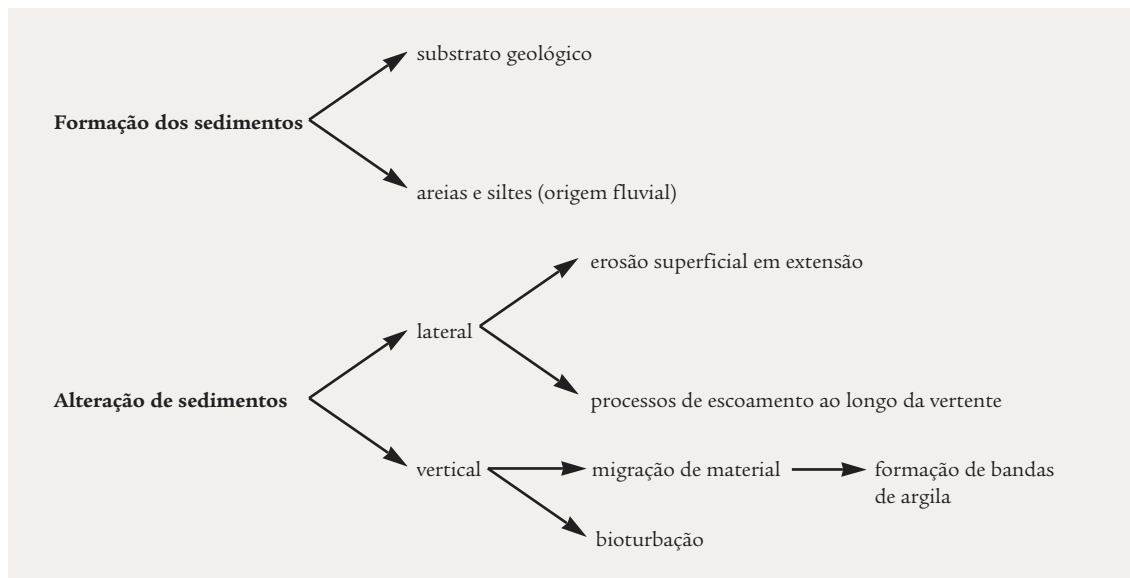
Do ponto de vista da sequência litoestratigráfica posta a descoberto na área 2, um primeiro aspecto a salientar é o da existência de uma grande homogeneidade sedimentar, que resulta, fundamentalmente, de dois aspectos:

- da acumulação, sucessiva, de material também ele muito homogêneo (areias e siltes de origem fluvial, principais componentes no processo de sedimentação regional);
- da bioturbação acentuada dos depósitos (uma constante ao longo de toda a sequência).

Estes dois factores explicam, em grande medida, as características físicas e químicas dos sedimentos escavados na Barca do Xerez. Para além dos elementos envolvidos no processo de formação dos sedimentos — relacionados, fundamentalmente, com a acumulação de depósitos de origem fluvial e com as características do substrato geológico — existem outros, de natureza pós-deposicional, que vieram alterar as condições originais de depósito: erosão superficial em extensão e formação de canais de ravinamento resultantes de processos de escoamento lateral ao longo das vertentes.

Assim, e observando a sequência na vertical, verifica-se uma grande homogeneidade na textura, resistência e coloração da composição sedimentar — as variações detectadas são pouco significativas e estão relacionadas com uma maior ou menor percentagem de areias e de seixos rolados, ou uma maior ou menor compactidade dos sedimentos — que é apenas entrecortada por bandas laterais de argilas, resultantes, provavelmente, da migração vertical de materiais mais

finos para o interior do sedimento (iluviação) (Fig. 10). A cascalheira detectada na área 2 poderá corresponder a uma acumulação de origem fluvial, erodida posteriormente por processos de escoamento superior (residualização).



As variações existentes são sobretudo laterais, circunscritas espacialmente, e estão relacionadas com os factores de natureza pós-deposicional descritos atrás. A erosão superficial em extensão, resultante da dinâmica do Guadiana e a formação de canais de ravinamento, derivada de processos de escoamento lateral ao longo das vertentes, materializaram-se na lavagem, transporte e, por vezes, redeposição de sedimentos e materiais arqueológicos, permanecendo, mais ou menos intactas, as zonas que se encontravam queimadas. A raridade e estado de conservação dos restos faunísticos, associada à insignificante representatividade de outros vestígios arqueológicos de pequenas dimensões, corroboram o diagnóstico formulado anteriormente. A realização de remontagens (termoclastos e pedra talhada) é fundamental para a compreensão destes processos, assim como as análises sedimentológicas em curso.

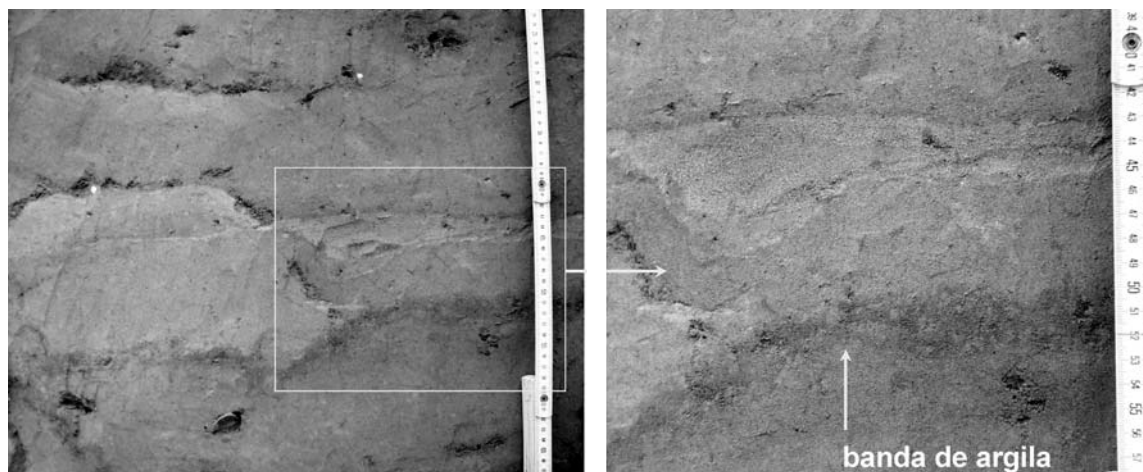


Fig. 10 Perfil onde se observam claramente as bandas de argila.



### 3.1.2. Área 3

Foram identificados 3 prováveis episódios de ocupação (Fig. 11).

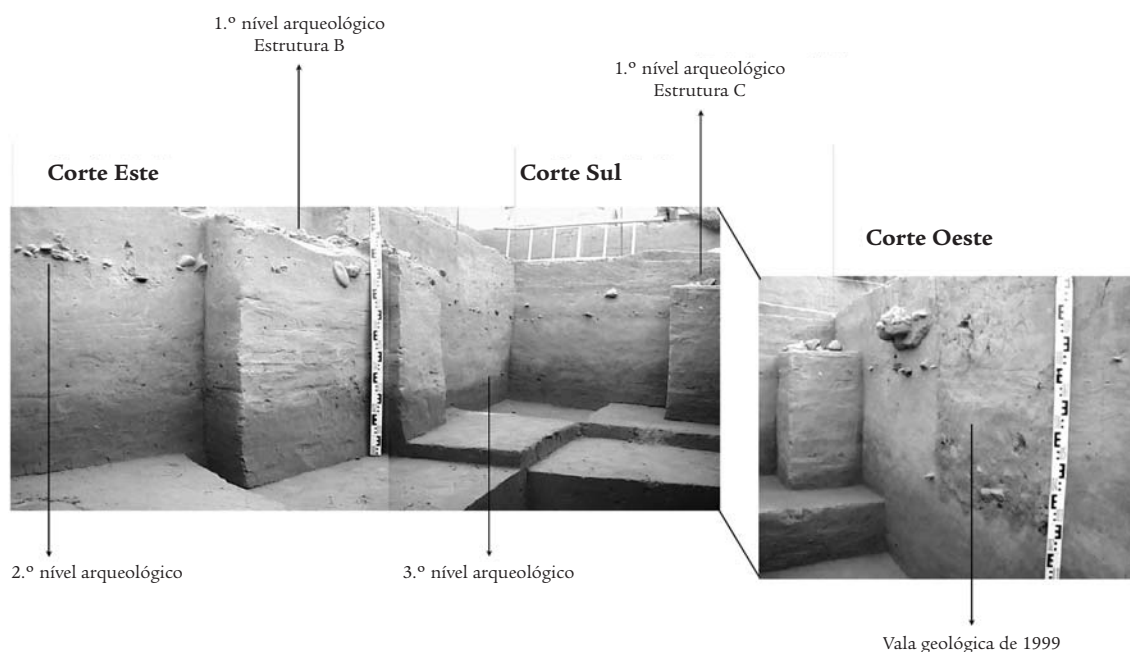
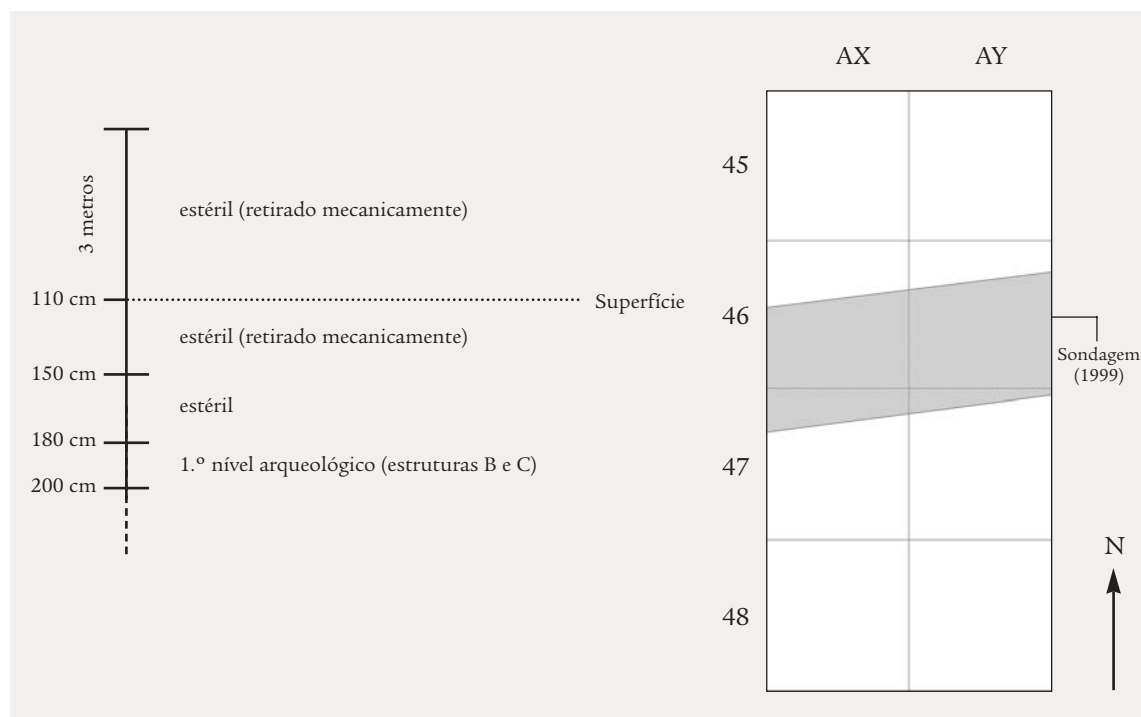


Fig. 11 Área 3, perfis Este, Sul e Oeste.

#### *A sequência: arqueostratigrafia*

**A.** Definido pela presença de duas estruturas de combustão (B e C) que apareceram na base do nível artificial 2, entre os 180 e 190 cm de profundidade, prolongando-se pelo nível 3 até sensivelmente à cota 200. Os depósitos apresentavam uma clara inclinação para Sul e para Este. A estrutura B, detectada na sequência da sondagem mecânica efectuada em 1999 nesta área, encontrava-se circunscrita aos quadrados AY 46 (quadrantes NE e SE), AZ 46 (quadrantes NO e SO), AY 47 (quadrante NE) e AZ 47 (quadrante NO). A estrutura C foi identificada junto ao corte Sul e Oeste de AX 48, prolongando-se para os quadrados AX 49 e AW 48. Na restante área, e nestes dois níveis, não foi detectado praticamente qualquer outro tipo de vestígio, encontrando-se apenas presentes as duas estruturas mencionadas anteriormente e uma hipotética terceira, localizada junto ao corte Oeste de AX 47. As características e as condições de jazida destes vestígios sugerem, à semelhança do que aconteceu na área 2, que este horizonte de ocupação terá sofrido processos de erosão diferencial, conservando-se apenas a componente mais grosseira (constituída pelos termoclastos e seixos que compunham as estruturas de combustão), que se encontrava embalada em sedimentos compactados e escuros devido à acção do fogo. No interior destas lareiras não foi igualmente detectado qualquer outro tipo de vestígio (lítico ou faunístico); constituem o **1.º nível de ocupação arqueológica** (camada B).



**B.** Imediatamente subjacente aos vestígios referidos anteriormente (ver Fig. 12), foi detectado um novo horizonte de ocupação constituído por materiais que se encontravam dispersos pelos níveis 4 a 6, entre os 200 e os 215/220 cm de profundidade (Fig. 12). Dada a dupla inclinação dos depósitos para Sul e para Este, esta camada encontrava-se melhor definida nos quadrados AX e AY 48 e AZ 46 e AZ 47, onde o pacote sedimentar que separava o primeiro e o segundo horizontes de ocupação era maior, encontrando-se os vestígios presentes nas unidades localizadas mais para Norte e para Oeste praticamente sobrepostos ao primeiro horizonte de ocupação definido pela camada B (ver esquema das camadas B e C).

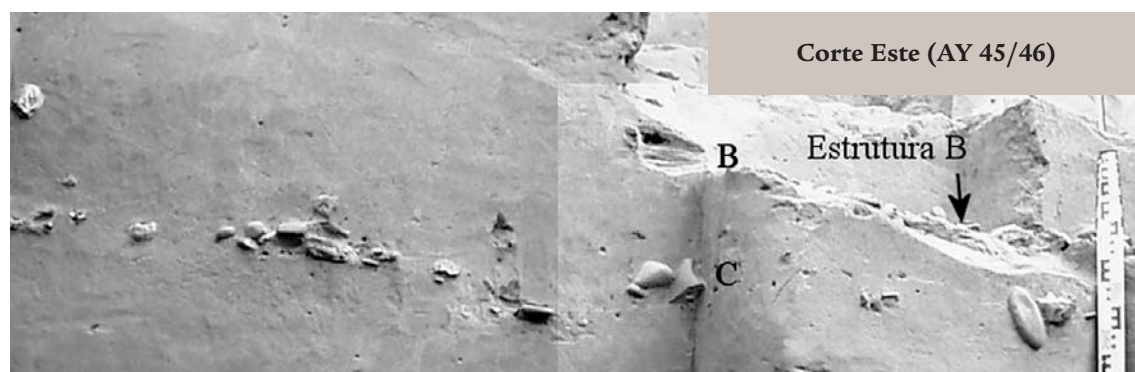
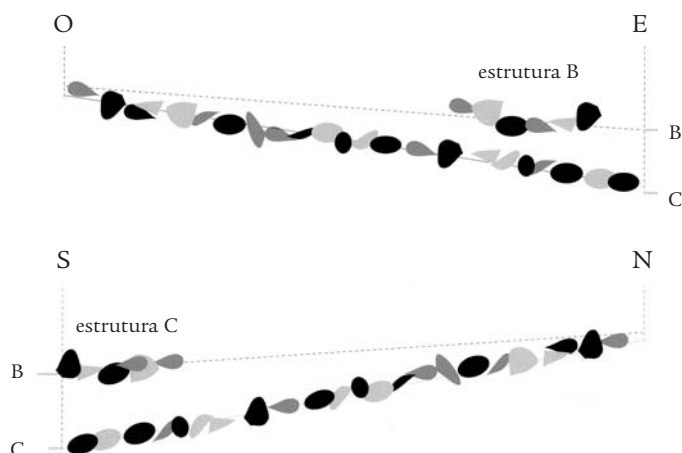


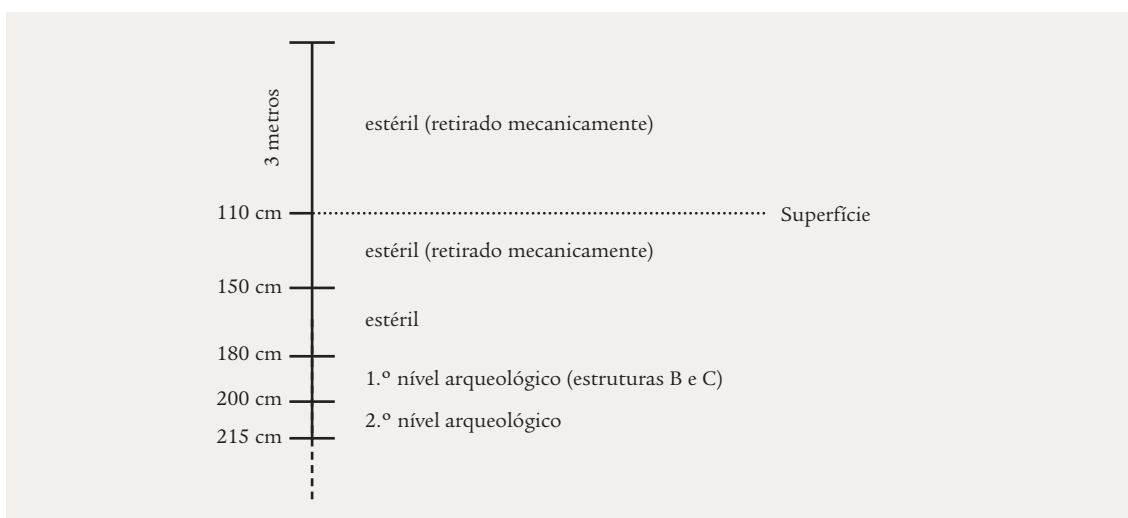
Fig. 12 Área 3, pormenor do perfil Este de AY 45 e AY 46, onde são assinaladas as camadas B e C (ver, igualmente, Fig. 26).

Tendo em conta a fraca resolução estratigráfica entre as camadas B e C, não será de excluir a hipótese de estarmos perante uma única ocupação contida no mesmo pacote sedimentar; ou seja, que as estruturas B e C sejam contemporâneas dos vestígios acumulados na camada C.

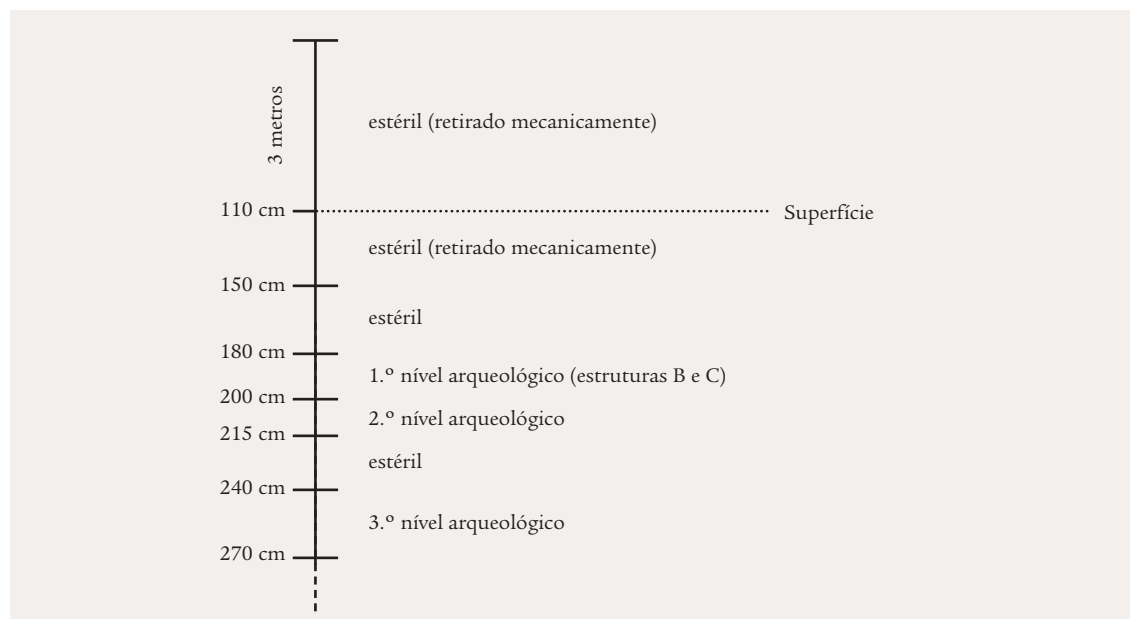


A quase ausência de materiais nos níveis de implantação das estruturas de combustão e a presença de um pacote sedimentar estéril entre estas e o nível arqueológico contido na camada C, sobretudo visível nos quadrados situados mais para Sul, indicam, porém, como sendo mais provável a hipótese de estarmos em presença de dois níveis de ocupação distintos. A solução do problema passa sobretudo por uma clarificação das condições de jazida destes vestígios e pela aplicação da técnica das remontagens. Admitindo, como mais provável, o princípio de uma reutilização sucessiva (sazonal?) do local, e tendo em conta os processos tafonómicos envolvidos, é natural que o problema se venha a revelar insolúvel.

Os materiais presentes neste horizonte de ocupação (artefactos líticos, raros restos faunísticos em muito mau estado de conservação e alguns termoclastos) não apresentam quaisquer elementos estruturados, encontrando-se embalados num sedimento arenoso, ligeiramente mais escuro do que nos níveis sobrejacentes (fora das estruturas de combustão) e subjacentes. Um aspecto a salientar é o aumento, significativo, de seixos rolados de pequena e média dimensão. A ausência de estruturas, o estado de conservação da componente faunística e o padrão de dispersão, aparentemente aleatório, dos vestígios (associados às características do depósito sedimentar), sugerem a existência de alterações nas respectivas condições originais de deposição ou, eventualmente, que os mesmos correspondam a uma ocupação localizada na periferia e posteriormente redepositada neste local. Constitui o **2.º nível de ocupação arqueológica** (camada C).



C. Após um pacote de sedimentos estéril do ponto de vista arqueológico, com cerca de 25 cm de espessura, em média, foram identificados, a partir do nível 10, alguns artefactos líticos, sobretudo com expressão nos quadrados situados mais para Sul, que não apresentavam qualquer padrão de concentração espacial ou estratigráfico (ver Fig. 12). Estes vestígios são acompanhados por uma ligeira alteração nas características do depósito sedimentar, que é mais compacto, escuro e com uma maior, mas não muito significativa, densidade de seixos rolados. A indústria lítica recuperada nestes níveis é em tudo semelhante à que se encontra presente nos níveis de ocupação anteriormente referidos (quer na área 3, quer na área 2). Dada a fraca representatividade numérica e a pouca variabilidade tipológica dos restos aqui recuperados não é possível, por enquanto, avançar com interpretações sobre a natureza e o estatuto dos vestígios aqui presentes. Inscrevem-se no **3.º nível de ocupação arqueológica** (camada D).



Os níveis subjacentes são estéreis até à base da sequência.

#### *A sequência: litoestratigrafia*

Do ponto de vista da sequência litoestratigráfica, e à semelhança do que foi observado na área 2, o principal aspecto a salientar é o da existência de uma grande homogeneidade do depósito sedimentar (que estará relacionada com fenómenos de bioturbação acentuada), que é apenas entrecortada por pequenas variações (na maioria dos casos laterais) no teor (maior ou menor) de argilas, num sedimento de características fundamentalmente arenosas, na densidade de seixos rolados (cuja presença, maior, está normalmente associada aos níveis com ocupação arqueológica) e na compactidade (maior ou menor) dos sedimentos. A partir dos níveis 16/17 foram detectados pequenas bandas lenticulares de argilas compactas, relacionadas, muito provavelmente, com processos de iluviação locais e, imediatamente subjacente, um primeiro nível de cascalheira compacta que se encontra apenas presente nas unidades localizadas mais para Norte. A poucos centímetros acima do substrato (constituído por granitos alterados) foi detectada uma segunda cascalheira, menos potente (Fig. 13).

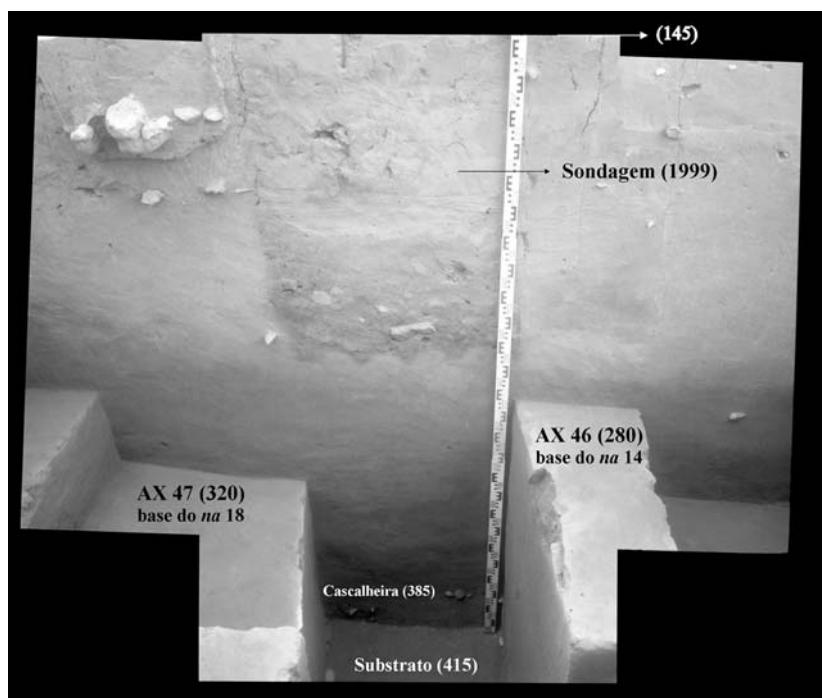
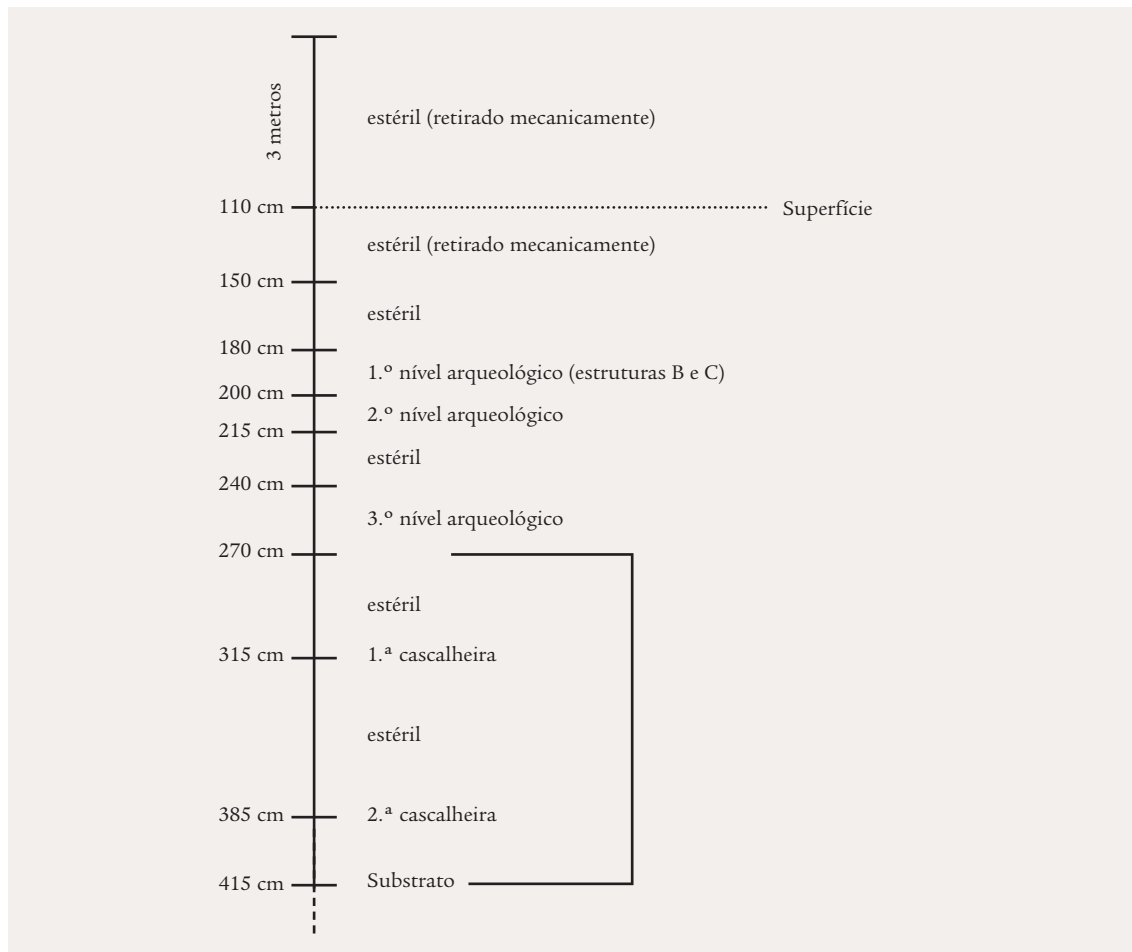


Fig. 13 Área 3, perfil Oeste, onde se observam os negativos da pá mecânica utilizada para a abertura, em 1999, de uma vala de sondagem no local. Colagem fotográfica.

### 3.1.3. Área 4

Foi identificado um horizonte principal de ocupação (Fig. 14).

#### *A sequência: arqueostratigrafia e litoestratigrafia*

A sequência observada na área 4 não difere substancialmente da que foi escavada na área 2, que lhe é, aliás, imediatamente adjacente. As diferenças estão sobretudo relacionadas com a ausência, na área 4, do primeiro e segundo níveis arqueológicos detectados na área 2, constituídos pelo conjunto cerâmico e pela estrutura A, respectivamente, e pela escavação do pacote sedimentar subjacente ao 3.º horizonte de ocupação. Recorde-se que, na área 2, as escavações não puderam prosseguir devido ao colapso dos cortes na sequência das inundações provocadas pelas fortes chuvadas.

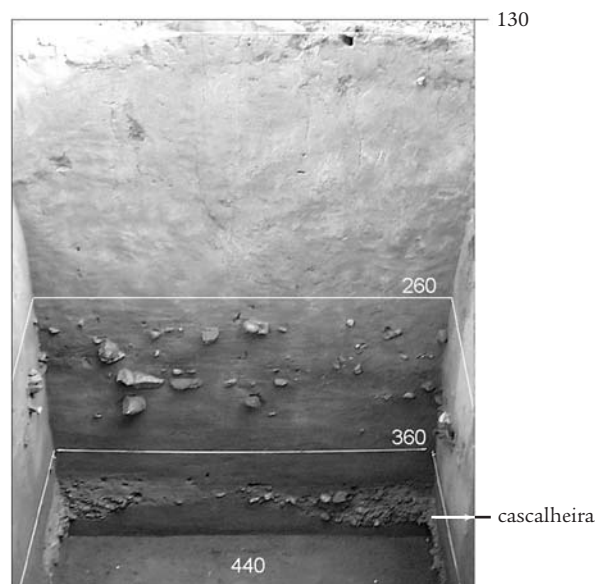
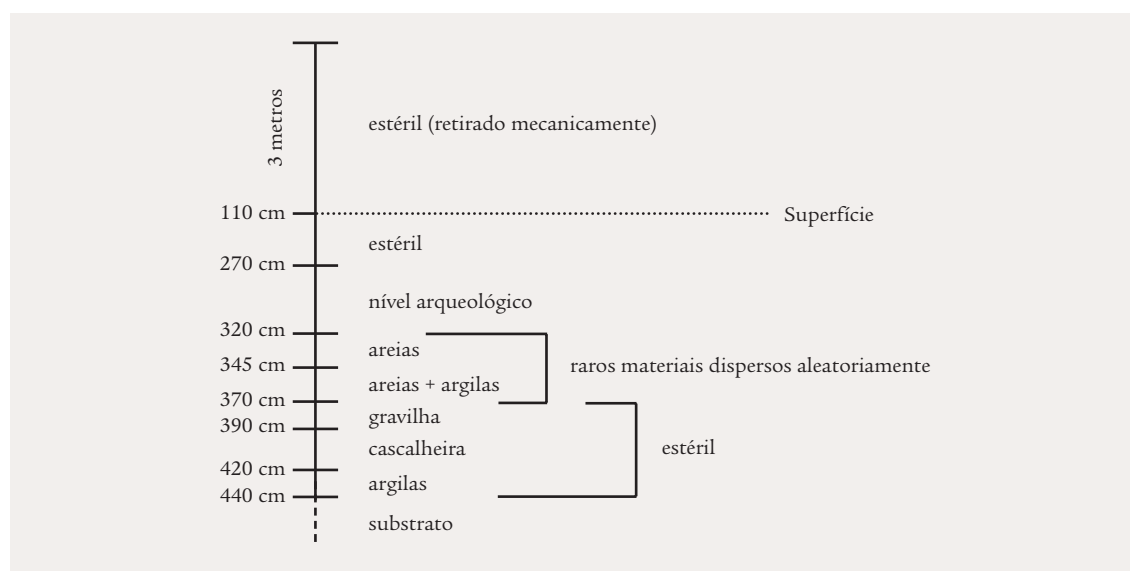


Fig. 14 Área 4, corte Este.

Após um primeiro pacote de terras estéreis removidas, numa primeira fase, mecanicamente e, numa segunda, por escavação expedita, foi detectado o horizonte de ocupação principal, sensivelmente a 270 cm de profundidade. Este horizonte apresenta uma espessura média de 30 cm nos quadrados situados mais para Oeste e de cerca de 40 cm nos quadrados situados mais para Este. Dada a acentuada inclinação dos depósitos para Este, as profundidades assinaladas no esquema seguinte referem-se apenas a valores médios.



Esta ocupação encontrava-se embalada num sedimento areno-argiloso, por vezes muito compacto nas zonas que se apresentavam queimadas, correspondendo ao prolongamento, para Este, do 3.º nível arqueológico escavado na área 2. Caracterizava-se pela presença de uma indústria lítica abundante, termoclastos e restos faunísticos que se encontravam, na maioria dos casos, em muito mau estado de conservação (existindo contudo peças passíveis de diagnóstico anatómico e de espécie). Estes vestígios apresentavam o mesmo padrão de dispersão espacial detectado na área 2, ou seja, apareciam em concentrações e no interior de manchas muito escuras de sedimento. Estas manchas parecem resultar da acumulação de matéria orgânica (áreas de maior antropização) e da presença de inúmeros fragmentos de granito alterado (bem visível nos respectivos refugos do crivo). Apesar de não terem sido identificadas estruturas de combustão, toda esta área apresenta traços claros e inequívocos de intensa actividade térmica, que se manifesta não só na presença de inúmeros termoclastos, como noutros restos arqueológicos, líticos e faunísticos, como nos próprios sedimentos envolventes (Fig. 15). A indústria de pedra talhada não apresenta grandes diferenças (técnicas ou tipológicas) em relação à recuperada nas restantes áreas, sendo no entanto de salientar a presença de uma componente microlítica talhada em cristal de rocha e, em muito menor escala, em rocha siliciosa. Apesar de ter sido possível proceder, em alguns casos, à remontagem de artefactos líticos, existem indícios que apontam para a presença de alterações de natureza pós-deposicional, visíveis, sobretudo, no tipo de distribuição espacial e de orientação dos vestígios (em formas serpenteadas, à semelhança da área 2) e no estado de conservação da componente faunística.

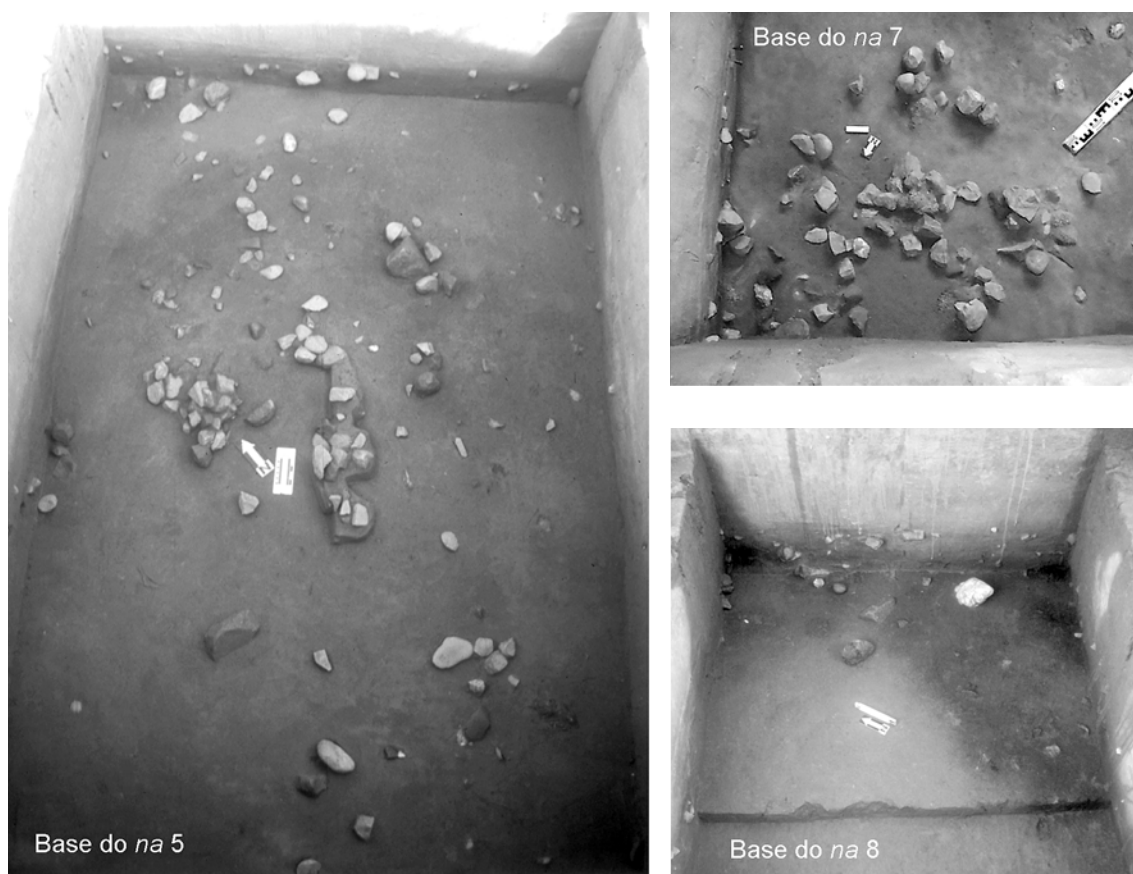


Fig. 15 Área 4, base dos níveis artificiais 5, 7 e 8. Repare-se nas manchas de sedimento negro.

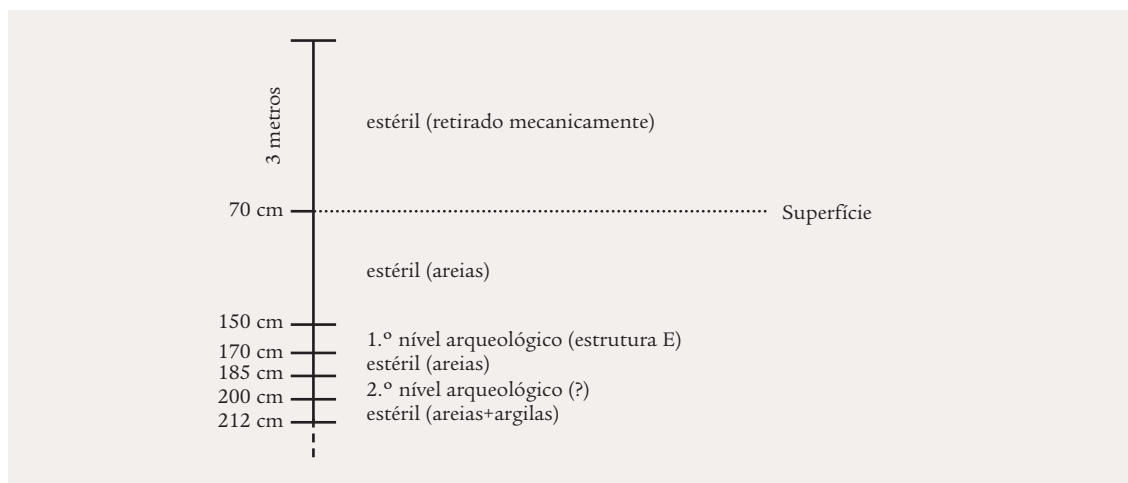
A sequência subjacente caracteriza-se por uma componente sedimentar muito arenosa e solta, de coloração castanho claro a amarelado, que aparece por volta dos 300 cm de profundidade nos quadrados J 49 e J 50, e a cerca de 320/330 nos quadrados situados mais para Este (L 49 e L 50). Este sedimento embala alguns, raros, restos arqueológicos, transportados, provavelmente, a partir dos níveis sobrejacentes. Por baixo deste pacote a sequência sedimentar apresenta variações laterais e verticais nos teores relativos de areias e argilas, na base da qual existe um horizonte pouco espesso de gravilha (constituída por quartzos, quartzitos e xistos). A presença, também ela muito rara, de alguns restos arqueológicos neste depósito (que se encontram aleatoriamente dispersos, quer na horizontal, quer na vertical) não fundamenta, por enquanto e por si só, a possibilidade de estarmos em presença de um novo e distinto episódio de ocupação. Por volta dos quatro metros de profundidade foi escavada uma cascalheira com cerca de 30 cm de potência (onde foram detectados alguns materiais líticos muito patinados), na base da qual se encontra um depósito argiloso e compacto que se encontra imediatamente sobrejacente ao substrato local.

### 3.1.4. Área 5

Foi identificado um nível de ocupação e um provável segundo (Figs. 16 e 17).

#### *A sequência: arqueostratigrafia*

**A.** Definido pela presença de uma estrutura de combustão (Estrutura E), identificada no seguimento da abertura, por meios mecânicos, de uma vala de sondagem de ligação entre as várias áreas de escavação. À excepção dos elementos que a compunham (termoclastos e seixos), não foram praticamente recuperados outros restos arqueológicos no seu interior ou periferia, à semelhança do que foi observado no 1.º horizonte arqueológico da área 3, definido pelas estruturas B e C, que deverão ser, aliás, contemporâneas da estrutura identificada na área 5. Após um primeiro pacote de areias estéreis, surgem os primeiros termoclastos em AR 46 (quadrantes Norte), a partir da base do nível artificial (*na*) 3, a cerca dos 150 cm de profundidade, que se encontram embalados em areias mais escuras (negro-acinzentado) e mais compactas do que nos restantes quadrados. Estes vestígios estendem-se, a partir do nível 5, para a restante área (quadrantes Sul de AR 46 e quadrantes NO e SO de AS 46), alcan-





çando a sua máxima extensão na base do *na* 6 (a cerca dos 160 cm de profundidade). Esta estrutura desenvolve-se para Este, encontrando-se ausente em AQ 46, onde o sedimento mantém uma coloração castanho-claro e se apresenta muito menos compacto. Também na área 5 se observa a dupla inclinação dos depósitos para Este e, mais acentuadamente, para Sul: em AR 46, quadrantes NE e SO, a base da estrutura encontra-se a cerca dos 165 cm de profundidade; em AS 46, a cerca dos 175 cm (base do *na* 8), apresentando uma espessura média de 20 cm. Não foi recuperado nenhum resto faunístico associado a esta estrutura.

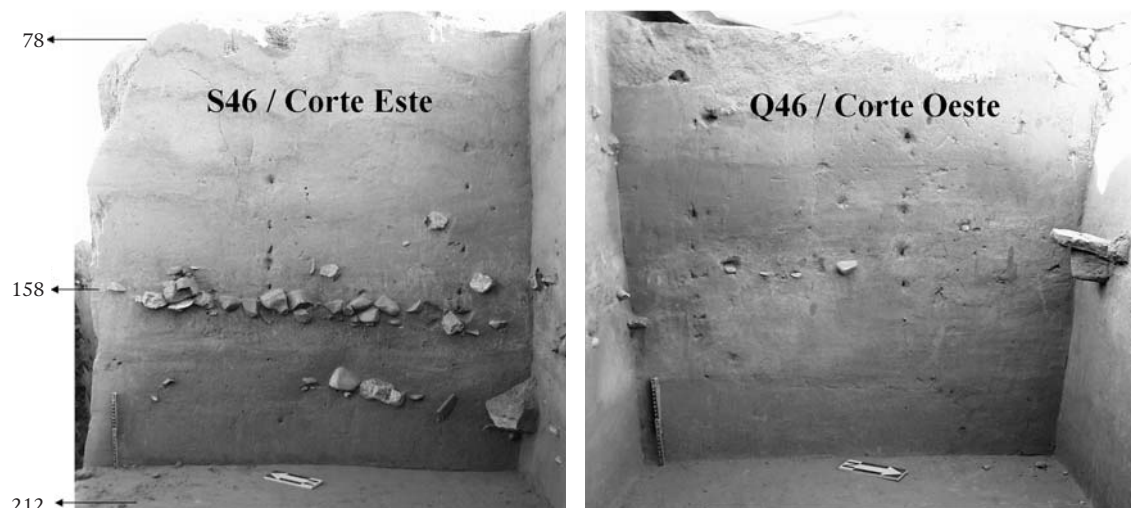


Fig. 16 Área 5, cortes Este e Oeste.

**B.** Subjacente ao nível de ocupação definido pela Estrutura E, e separado por um pacote de sedimentos estéril do ponto de vista arqueológico com cerca de 10/15 cm de espessura em média (entre os 170 e os 185 em AS 46, quadrante SE, e entre os 165 e os 175 cm em AR 46, quadrantes NO e SO), foram identifica-

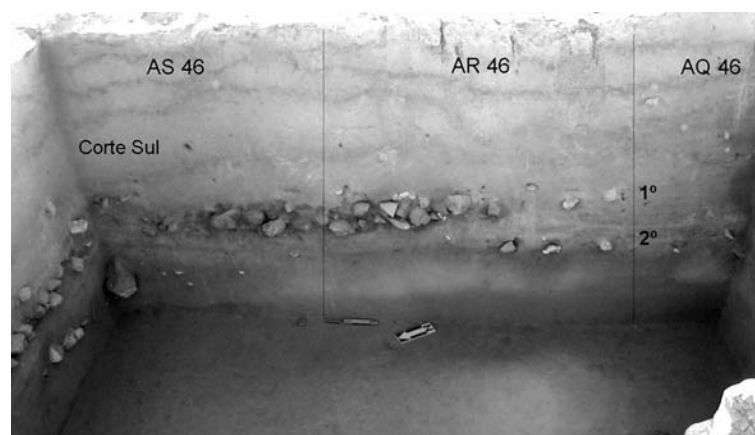


Fig. 17 Área 5, corte Sul.

dos alguns vestígios líticos (raros termoclastos e algumas lascas) que se encontravam, na sua maioria, concentrados junto ao corte Este, quadrante SE, de AS 46, e associados a um conjunto de seixos de quartzito (ver Figs. 16 e 17). O sedimento que embalava estes vestígios apresentava-se ligeiramente mais escuro. Dado o escasso número de peças e a ausência de qualquer outro elemento de diagnóstico mais preciso, não é possível, por enquanto, avançar com qualquer tipo de interpretação sem que se proceda, antecipadamente, ao estudo tafonómico e arqueográfico desta área. Comparando com a área 3, este horizonte deverá corresponder ao 2.º nível arqueológico aí identificado.

### *A sequência: litoestratigrafia*

Apesar da reduzida área escavada, não foram detectadas quaisquer alterações em relação às observações já tecidas a propósito das outras áreas. Observa-se, claramente, a presença de finas bandas de argila resultantes de processos naturais de alteração dos sedimentos no primeiro pacote sedimentar estéril sobrejacente à Estrutura E (ver Figs. 16 e 17). O 1.º nível arqueológico encontra-se embalado em areias escuras e compactas (nível de maior antropização), tornando-se, gradualmente, mais claras e soltas na sua base. O sedimento volta a escurecer ligeiramente no 2.º nível arqueológico (sobretudo junto ao corte Este de AS 46). O depósito sobrejacente apresenta algumas variações, sobretudo laterais, nos teores de areias e argilas. Toda a sequência apresenta sinais claros de bioturbação.

### 3.2. Processos de formação e alteração dos depósitos

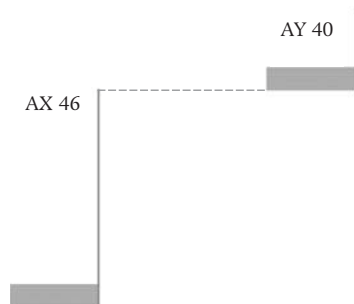
As observações e hipóteses formuladas neste capítulo baseiam-se em análises muito preliminares e ainda pouco substanciadas dos processos, naturais e antrópicos, de formação do sítio e das alterações sofridas de natureza pós-deposicional. Tentar-se-á, apenas (e fundamentalmente com base nos dados e informações de campo), proceder a uma aproximação à realidade arqueológica da Barca do Xerez através da comparação entre as diversas áreas escavadas e dos testemunhos recuperados em cada uma.

O sítio reflecte, antes de mais, duas realidades distintas mas complementares: uma, de natureza ambiental, relacionada com a história do Guadiana e com os processos de formação e alteração dos depósitos sedimentares (1); outra, de natureza humana, relacionada com a biografia do sítio enquanto posto de paragem (lugar de eleição?) das comunidades de caçadores-recolectores do passado (2). Ambas, conjugadamente, moldaram um espaço:

#### 1.

##### *Substrato*

Um dos aspectos que deverá ter influenciado a *história* da Barca está relacionado com a topografia do substrato local. As sondagens e escavações realizadas mostraram que o mesmo se encontra disposto de uma forma extremamente descontínua, provavelmente em patamares.



Com efeito, em AY 40/41 (ver esquema), o substrato encontra-se a cerca de um metro de profundidade; em AX 46, ou seja, 4 metros apenas para Sul, surge a quatro metros e meio de profundidade; em AR 39, seis metros para Oeste, a sondagem mecânica realizada não chegou a atingir, aos quatro metros de profundidade, a rocha-base. Esta morfologia do substrato terá condicionado os processos de sedimentação posteriores, particularmente os que estão relacionados com a dinâmica do Guadiana.

As diversas “faces” apresentadas pela Barca do Xerez ao longo do tempo, ou seja, os seus vários micro-relevos, terão certamente condicionado as estratégias de ocupação humana deste espaço e são fundamentais para a compreensão dos próprios processos de formação do sítio.

### *Sedimentação*

É muito homogénea e fundamentalmente de natureza aluvial. O Guadiana funcionou duplamente como acumulador e principal agente erosivo. Com efeito, se o maior contributo sedimentar (areias, siltes e cascalheiras) provém deste rio, as suas características internas — dinâmica de circulação de águas, de regime torrencial, extravasão frequente do seu leito — foram as responsáveis pela lavagem, transporte e redeposição de sedimentos e, conseqüentemente, de materiais arqueológicos. As cascalheiras presentes no local parecem ter tido, também, um duplo papel: como reservas de matéria-prima para alimentação de fogueiras e para a confecção do equipamento tecnológico, e como agentes destrutivos do local de habitat, através da sua desagregação pelos agentes erosivos descritos anteriormente.

Outros factores de natureza pós-deposicional contribuíram, igualmente, para a história sedimentar do sítio: uma bioturbação acentuada, que se materializou na homogeneização dos depósitos, e alterações na composição sedimentar provocadas pela migração de materiais (sobretudo argilas) a partir da superfície. Não é possível, por enquanto, avaliar o contributo coluvionar nesta sequência. Foram detectados, no entanto, alguns indícios que sugerem a existência de episódios de escoamento a partir das vertentes.

## 2.

Tendo em conta as áreas escavadas, as condições de jazida e o tipo de vestígios recuperados, coloca-se a questão de saber quais as modalidades de ocupação do sítio e as relações (estratigráficas, cronológicas, culturais, funcionais) eventualmente existentes entre os vários horizontes arqueológicos detectados (Fig. 18)

Visto numa perspectiva meramente estratigráfica, o sítio da Barca do Xerez foi ocupado, aparentemente, em quatro momentos distintos (camadas A, B, C e D). Não é possível, por enquanto, avaliar os limites temporais envolvidos. No entanto, é necessário ter em conta que a velocidade de sedimentação não é uniforme ao longo dos tempos e que o sítio sofreu episódios de erosão de importância e alcances distintos. As características (tipológicas e tecnológicas) da cultura material lítica sugerem, pelo seu lado, a não existência de alterações significativas entre as camadas B, C e D.

Visto numa perspectiva horizontal, as camadas arqueológicas consideradas estratigraficamente contemporâneas (ver Fig. 18) poderão corresponder ou a um mesmo horizonte de ocupação (com a eventual existência de áreas funcionais distintas), ou a vários episódios de ocupação do local (circunscritos espacialmente), mas sem resolução estratigráfica dadas as razões de natureza pós-deposicional referidas anteriormente e a própria configuração do micro-relevo local. Se estivermos em presença de uma reutilização periódica (sazonal?) do sítio por parte das mesmas comunidades de caçadores-recolectores, ao longo de um período de tempo relativamente curto e, conseqüentemente, de difícil resolução cronológica (em termos de radiocarbono), a individualização destes episódios de ocupação tornar-se-á extremamente complexa.

Considerando as características e o conjunto de processos referidos anteriormente, foi elaborado o esquema da figura 18. Este esquema pretende fazer, apenas, a súmula dos dados de campo mas sem a aplicação do filtro tafonómico, fundamental para a compreensão do sítio no seu todo.

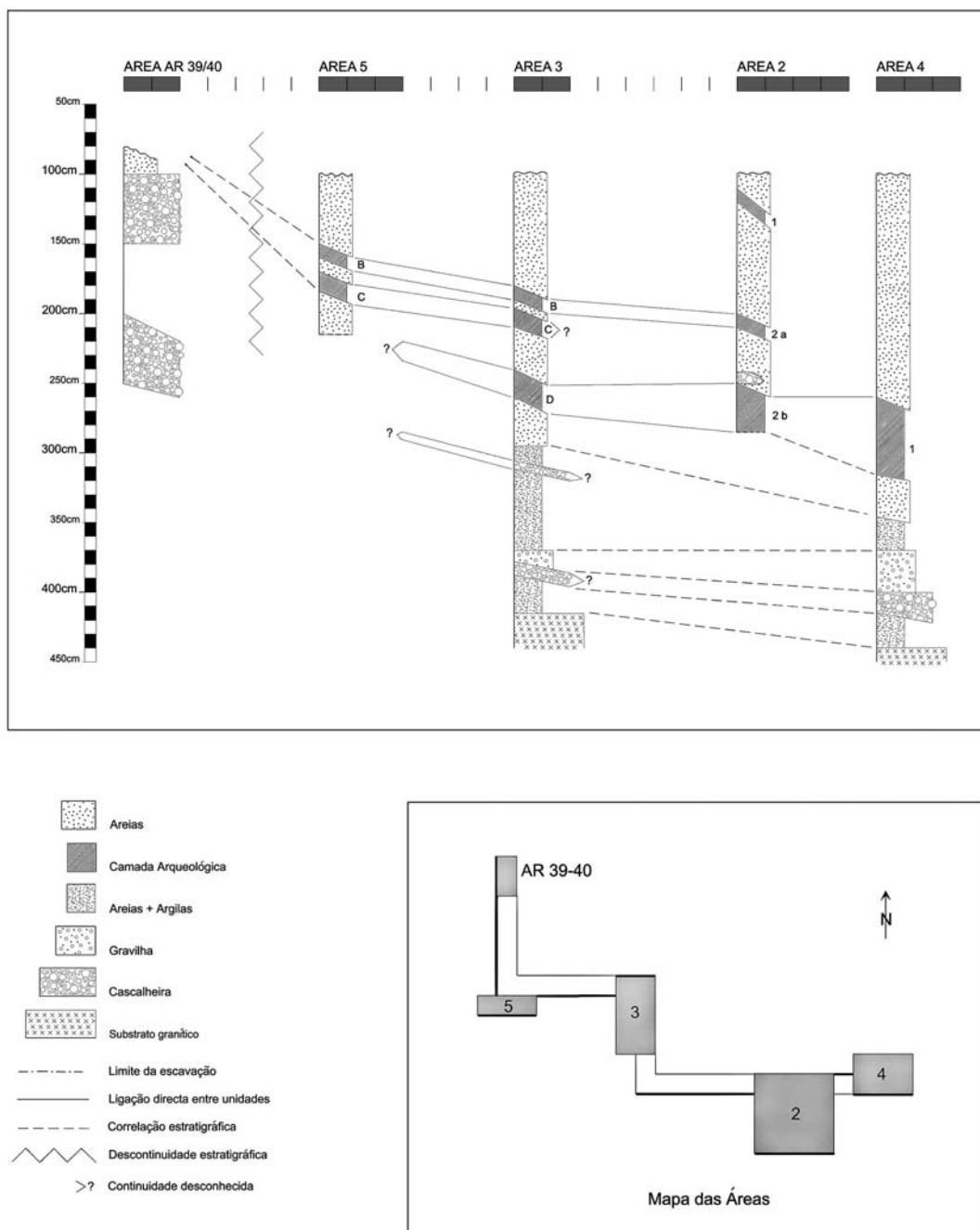


Fig. 18 Gráfico das seqüências postas a descoberto nas diferentes áreas de escavação e possíveis correlações estratigráficas entre si.

#### 4. Estruturas

##### 4.1. Estrutura A

Localizada na área 2, quadrados G 51 (quadrantes SO e SE) e G 52 (quadrantes NO e NE), entre os 200 e os 220 cm de profundidade. Apresentava uma forma sub-circular (85 cm x 70 cm), e encontrava-se ligeiramente orientada a NE - SO.

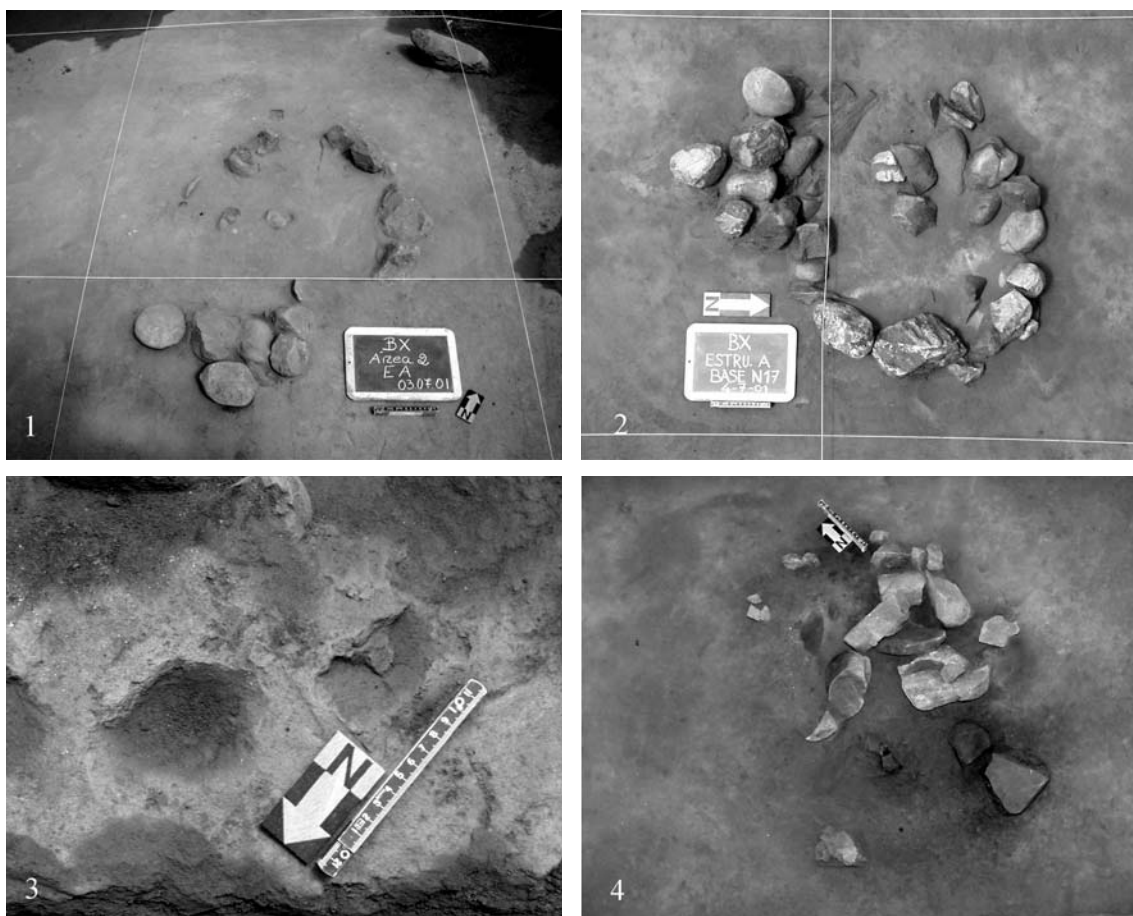
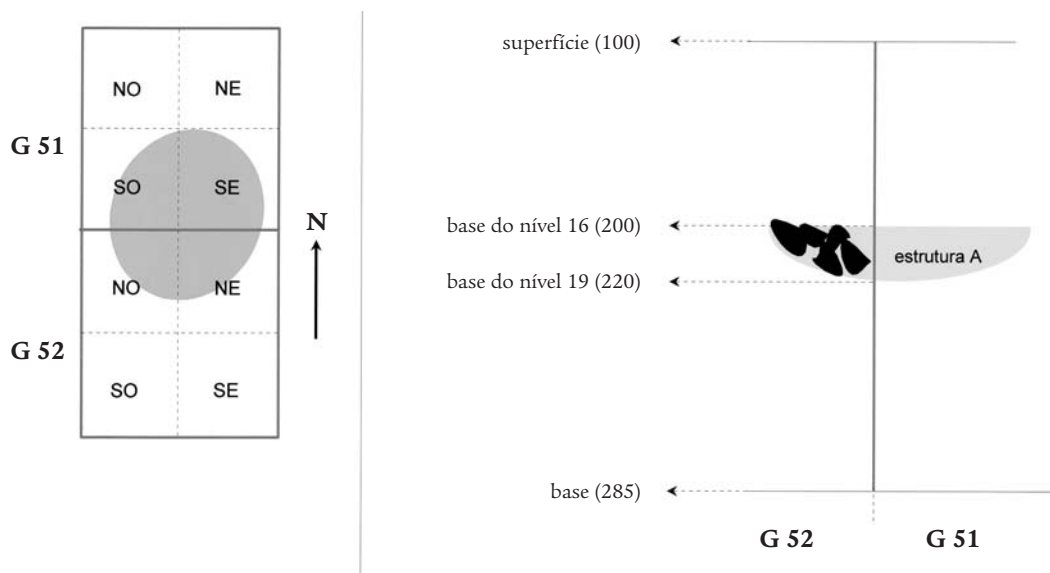
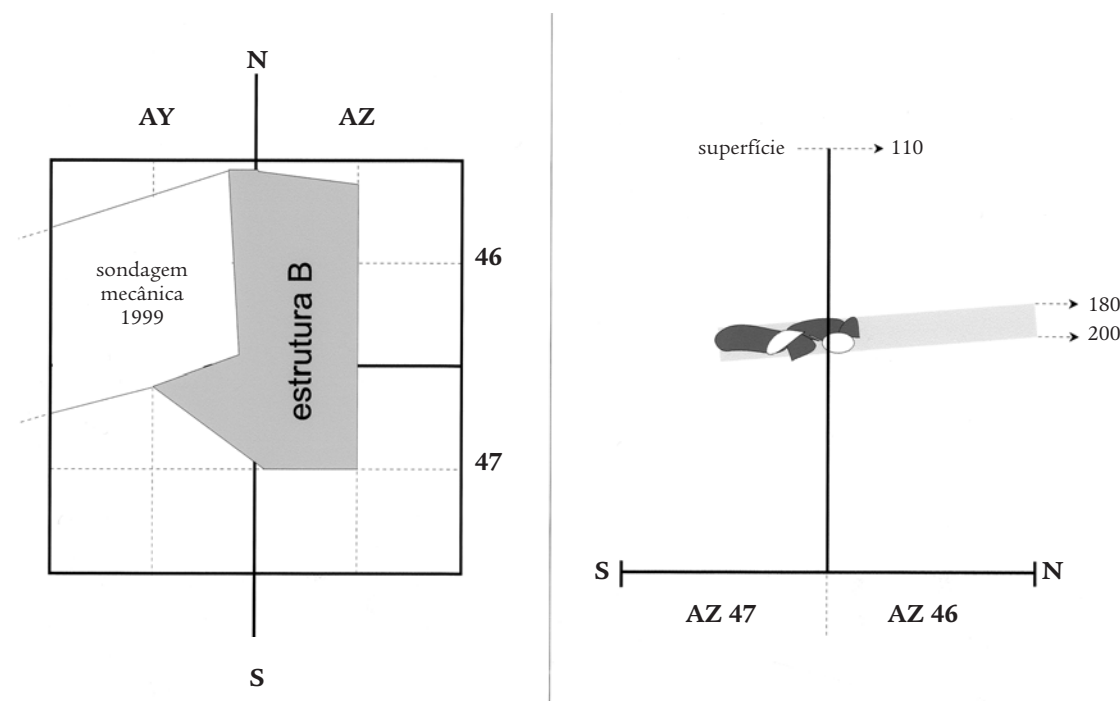


Fig. 19 Área 2, estrutura A. 1. base do *na* 16; 2. base do *na* 17; 3. negativos das primeiras *camas*; 4. base da lareira, antes da remoção dos últimos termoclastos.

Tratava-se de uma estrutura de combustão construída com seixos de quartzito e quartzo e alguns blocos de granito, de origem local, que se encontravam embalados num sedimento compacto e escuro devido à acção do fogo (Fig. 19). Desenvolvia-se por três níveis distintos de termoclastos, a maioria dos quais apresentava uma orientação para o interior da estrutura e uma inclinação tendencialmente subvertical. Parece ter havido uma escolha deliberada para a utilização das arestas mais aguçadas dos seixos para serem cravadas no solo (bem visível nas respectivas camas, que se encontravam colmatadas por sedimentos negro-acinzentados). Não foi encontrado qualquer outro vestígio, lítico ou faunístico, no interior desta lareira. Mesmo após a remoção dos últimos calhaus, na base do nível 19, era bem visível a mancha negra de sedimentos que se prolongava pelos dois níveis seguintes.

#### 4.2. Estrutura B

Localizada na área 3, quadrados AY 46 (quadrantes NE e SE), AY 47 (quadrante NE), AZ 46 (quadrantes NO e SO) e AZ 47 (quadrante NO), entre os 180 e os 200 cm de profundidade. Foi parcialmente destruída em 1999, na sequência de uma vala de sondagem mecânica aberta nesta área, e que se prolongava para Oeste, para os restantes quadrantes de AY 46 e para AX 46 (ver Ponto 3.1.2). Tratava-se de uma estrutura construída com matérias-primas de origem local (quartzito, quartzo e granito), que apresentavam sinais claros de rubefacção, assim como os sedimentos envolventes. Apresentava uma forma sub-rectangular ( $\approx 100 \times 150$  cm) e uma inclinação para Sul e para Este.



Os termoclastos encontravam-se intrincados uns nos outros, não existindo um padrão claro na sua orientação e inclinação, apesar de um número significativo de peças se apresentar na vertical e subvertical. De assinalar a presença de muitas fracturas e estalamentos térmicos, sendo possível, inclusivamente, proceder a remontagens entre fragmentos de um mesmo termoclasto.

Noutros casos, o elevado grau de rubefacção apresentado fez com que muitos dos calhaus se desfizessem ao simples toque. Os sedimentos que se encontravam no interior desta estrutura apresentavam manchas negras, cinzentas e, por vezes, avermelhadas. Não foram identificados outros vestígios associados a esta estrutura (Fig. 20).

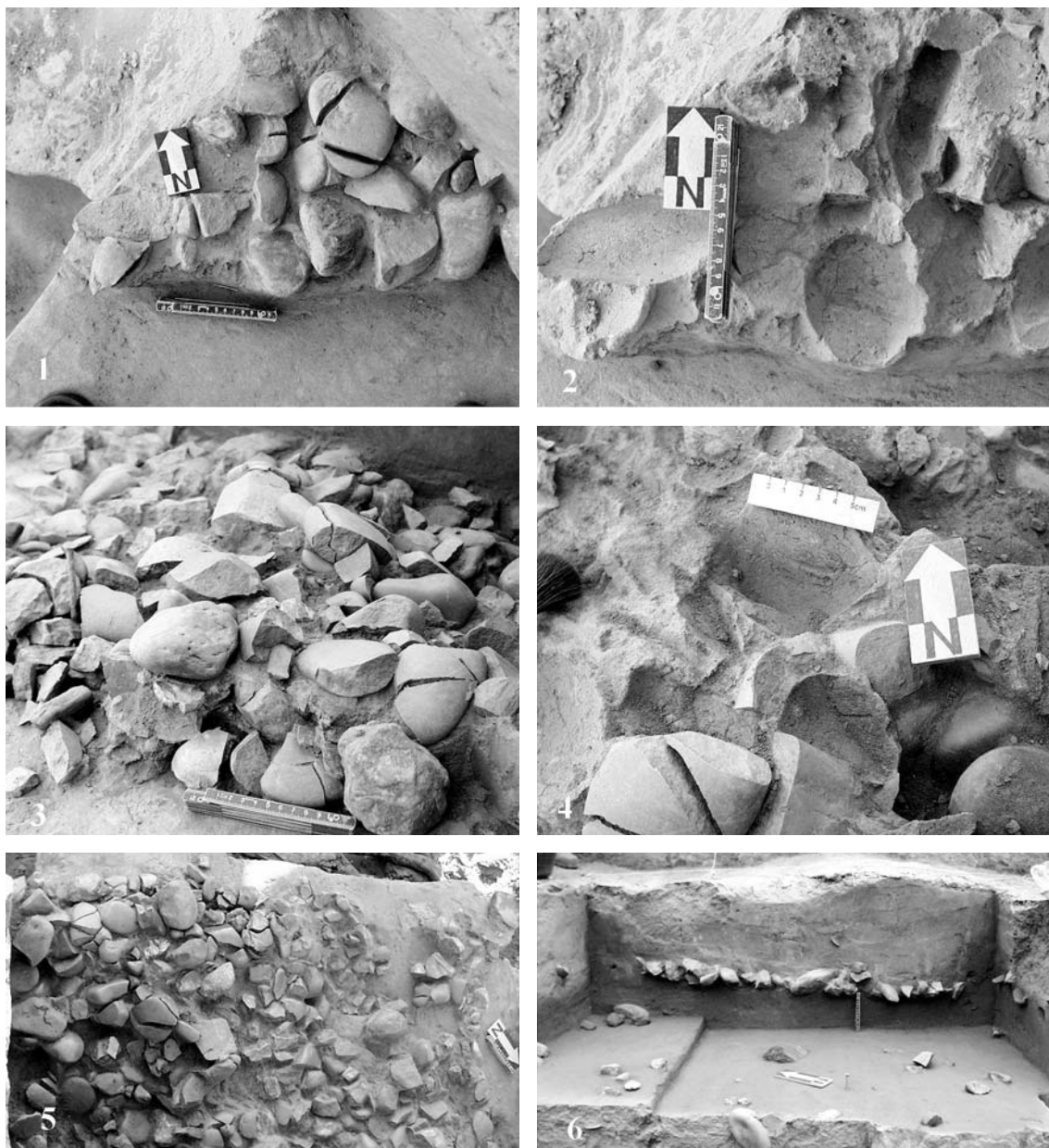


Fig. 20 Área 3, estrutura B. 1. aparecimento da lareira em AY 47, quadrante NE, na base do *na* 3; 2. negativos das respectivas *camas*; 3. estrutura B, em AY 46 e 47 e em AZ 46 e 47; 4 e 5 pormenores da estrutura (onde é possível observar a inclinação acentuada das *camas* e os estalamentos térmicos); 6. perfil Este, após a decapagem completa dos níveis que embalavam a Estrutura B.

Tendo em conta as características apresentadas, esta estrutura parece corresponder a uma área de combustão de tipo distinto (área de fumagem?), não sendo possível, por enquanto, avançar com interpretações mais seguras sem que se proceda a uma análise rigorosa de determinados *itens* como, por exemplo, o grau de rubefacção dos elementos que compõem a estrutura, o

tipo de estalamentos térmicos em presença, as características físicas e químicas dos sedimentos envolventes, a própria morfologia e tipo de construção apresentado.

#### 4. 3. Estrutura C

Localizada na área 3, junto aos cortes Sul e Oeste de AX 48, entre os 190 e os 205 cm de profundidade. Tratava-se de um pequeno aglomerado de termoclastos e seixos ( $\approx 80 \times 50$  cm) que se encontravam envolvidos num sedimento ligeiramente mais escuro e compacto do que no restante quadrado. Esta estrutura (Figs. 21.1 e 22) prolongar-se-ia para os quadrados adjacentes (AX 49 e AW 48); o colapso dos cortes (provocado pela inundação desta área pela água das chuvas), impossibilitou a escavação desta hipotética estrutura, que se encontrava já, aparentemente, muito destruída a julgar pela escassez de termoclastos recuperados após a queda dos perfis referidos anteriormente. À semelhança do que foi observado em relação às estruturas A e B, não foi identificado qualquer outro tipo de vestígio associado a esta estrutura.

Em AX 47 foi igualmente observado um pequeno conjunto (com cerca de 50 cm de comprimento) de termoclastos que sobressaía do respectivo corte Oeste. Poderia corresponder, eventualmente, aos restos de uma estrutura do mesmo tipo da detectada em AX 48, mas já muito destruída (Fig. 21.2).

#### 4. 4. Estrutura D

Foi identificada na área 2, nível 24 (3.º nível de ocupação arqueológica), entre os 266 e os 275 cm de profundidade. Ocupava parcialmente os quadrantes NO, NE e SO do quadrado H 52, e apresentava materiais dispersos pelo quadrante SE.

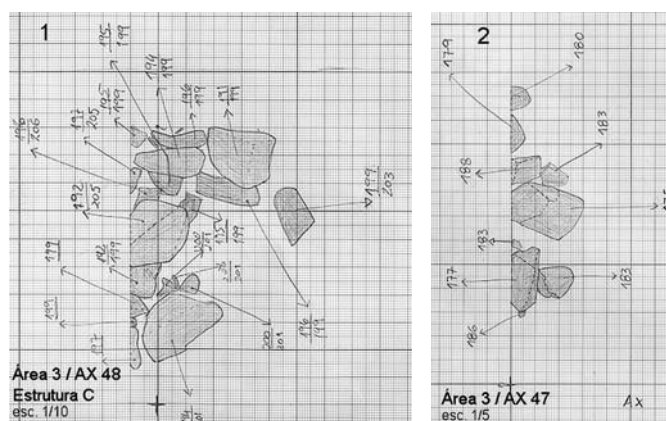


Fig. 21 Área 3. 1. estrutura C; 2. corte Oeste de AX 47, onde se observa uma concentração de termoclastos.

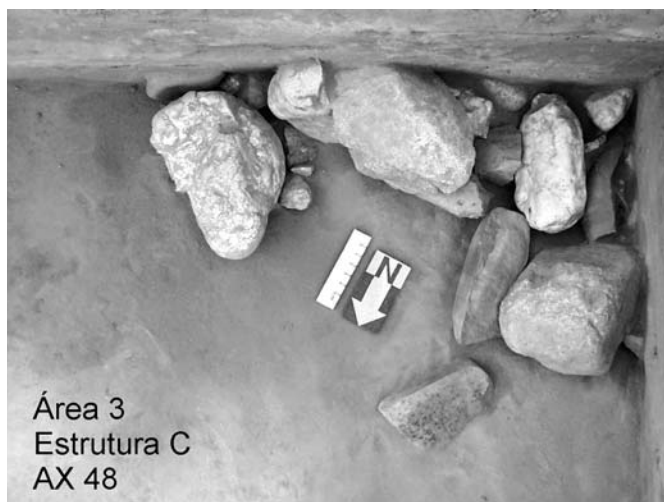
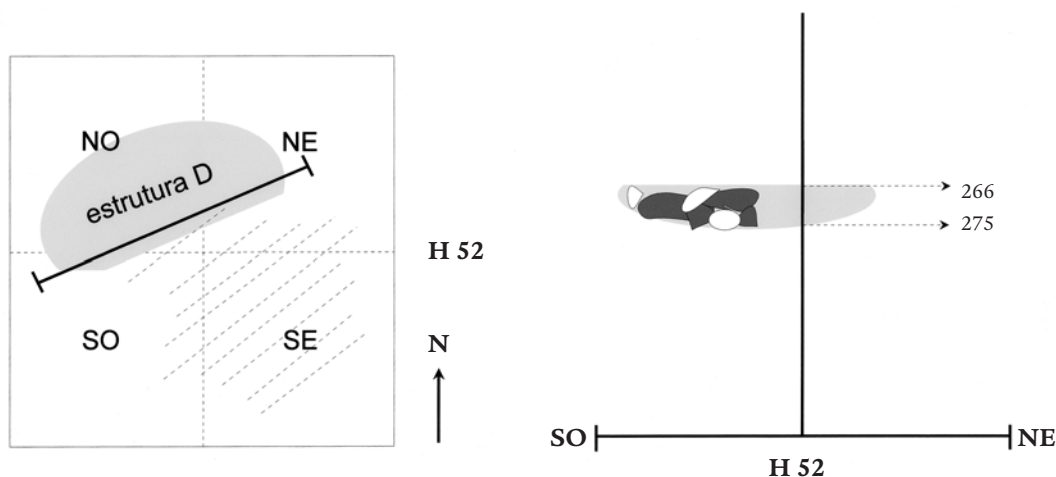


Fig. 22 Área 3, estrutura C.





Tratava-se de uma provável estrutura de combustão de morfologia oval (com o eixo maior com cerca de 70 cm de comprimento) que parece ter sido truncada por um episódio erosivo (Fig. 23).

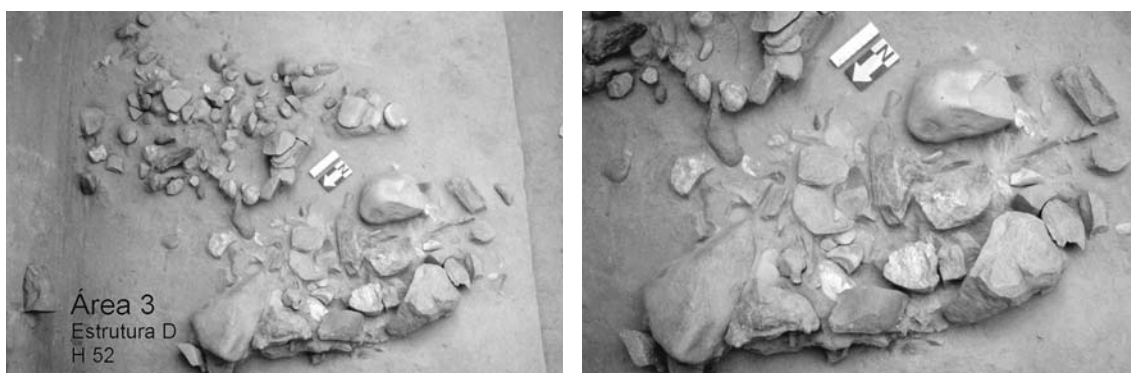


Fig. 23 Área 2, estrutura D.

Tal como pode ser observado pela respectiva figura, a Estrutura D encontrava-se definida por um conjunto denso de termoclastos e seixos que se encontravam dispostos de uma forma aparentemente organizada (à semelhança de uma lareira) e bem cravados no solo, mas cuja restante metade (que deveria ocupar os quadrantes SO e SE de H 52) parece ter sido dismantelada e os respectivos componentes dispersos pelas proximidades, sobretudo pelo quadrante SE. A presença de uma grande quantidade de pequenos seixos rolados neste quadrante, a par com alguns termoclastos provenientes da destruição da estrutura e de artefactos líticos, parece ter tido origem num qualquer episódio erosivo relacionado ou com a dinâmica do Guadiana (subida do leito até à cota da ocupação) ou com fenómenos de escorrência de águas, que terão provocado a destruição parcial desta estrutura. Tal como já tinha sido referido em 3.1.1, o 3.º nível de ocupação arqueológica identificado na área 2 apresentava indícios claros da existência de alterações nas condições originais de deposição dos vestígios. O padrão de dispersão dos elementos que compunham a estrutura D, associado às características e forma como se apresentavam os seixos e sedimentos envolventes, sugerem, como hipótese mais provável, a invasão desta zona pelas águas do Guadiana. Não é de excluir, no entanto, a possibilidade de reutilizações de alguns dos seixos e termoclastos pelos próprios habitantes pré-históricos do local. No âmbito do estudo da

jazida que agora se inicia está assim prevista a aplicação do método das remontagens às várias centenas de termoclastos recolhidos nas 5 áreas escavadas.

Após a remoção dos termoclastos que selavam a parte superior da estrutura D foram recuperados cerca de 40 artefactos líticos (sobretudo lascas e núcleos) que se encontravam maioritariamente dispostos na vertical e subvertical e circunscritos, exclusivamente, à área ocupada pela parte da estrutura que se encontrava ainda intacta (Fig. 24).

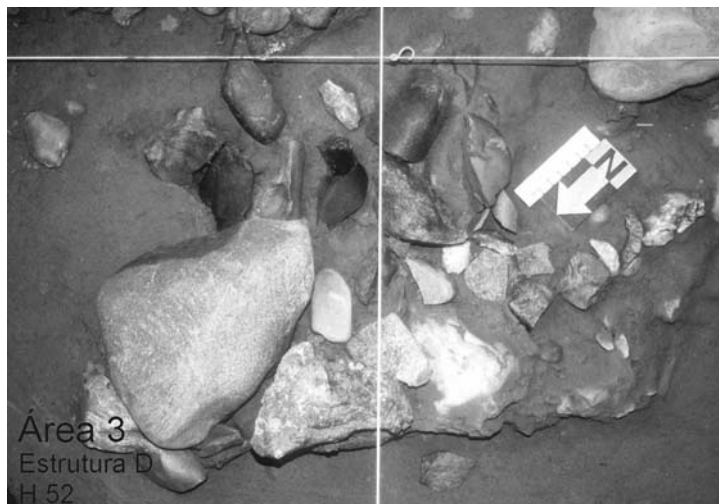
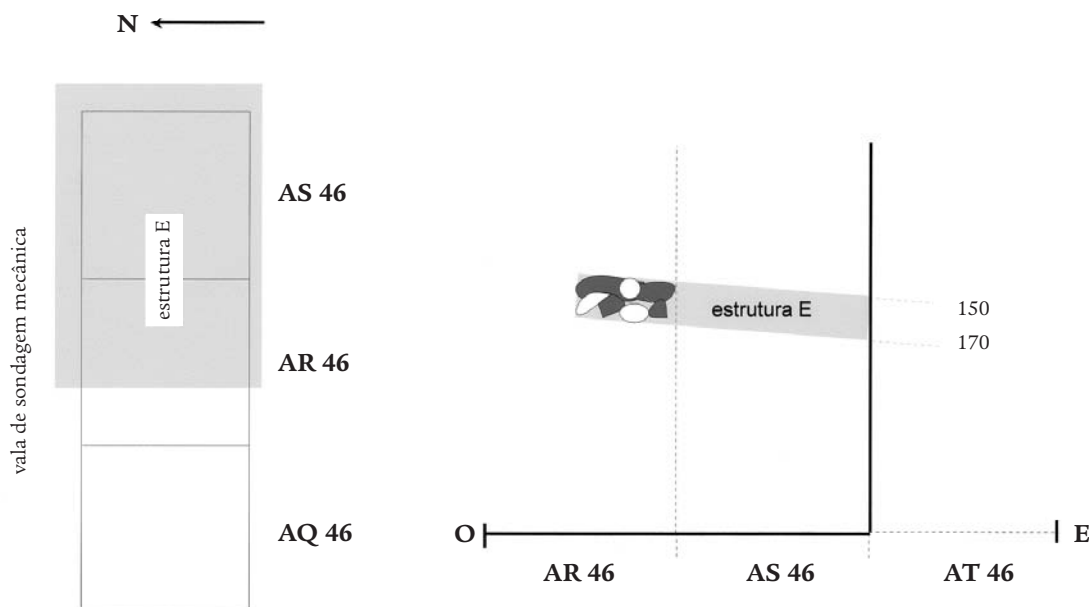


Fig. 24 Área 2, estrutura D, artefactos líticos que se encontravam imediatamente subjacentes à estrutura, após a remoção dos termoclastos superiores.

Não é possível, por enquanto, proceder a uma correcta avaliação da natureza e funcionalidade deste conjunto de peças, não sendo de excluir, no entanto, a hipótese de as mesmas terem sido reaproveitadas para a construção da própria estrutura (ou como alimentadores da mesma). A maioria apresentava, aliás, sinais claros de terem sido sujeitas à acção do fogo.

#### 4. 5. Estrutura E

Localizada na área 5, esta estrutura ocupava os quadrantes NE e SE de AR 46, o quadrado AS 46 e prolongava-se ligeiramente para Este, para o quadrado AT 46 (visível no corte Sul da vala de sondagem mecânica). Apresentava uma morfologia e dimensões semelhantes à estrutura B, bem como o mesmo padrão de orientação e inclinação (para Sul e para Leste).



Tratava-se de uma área limitada de concentração de termoclastos e alguns seixos dispostos de uma forma aparentemente aleatória mas perfeitamente intrincados uns nos outros. Desenvolveu-se por três níveis diferentes de termoclastos (entre a base do nível artificial 3 e a base do nível artificial 6), mantendo-se a mancha negra de sedimentos pelos dois níveis seguintes (Fig. 25).

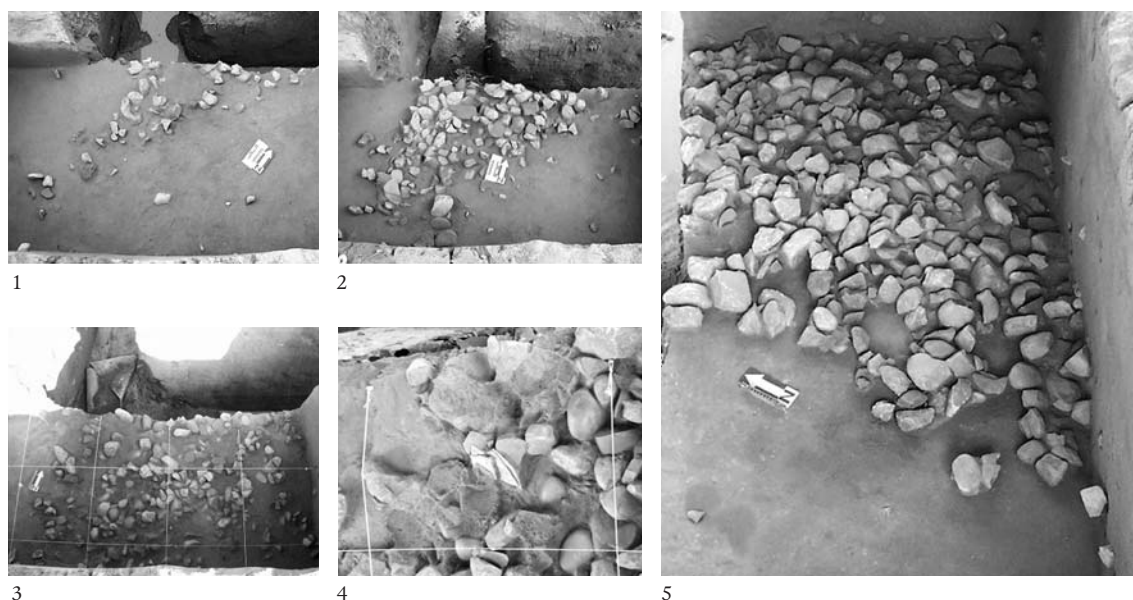


Fig. 25 Área 5, estrutura E. 1. na base do *na* 3; 2. na base do *na* 4; 3. na base do *na* 5; 4. pormenor; 5. na base do *na* 6.

Esta estrutura encontrava-se igualmente embalada em sedimentos muito compactos e escuros (que incorporavam fragmentos de carvão já muito disseminados), enquanto que na sua periferia se mantinham soltos e com uma coloração castanho claro. Não foram recuperados outros vestígios no interior e periferia desta estrutura. Tendo em conta as suas características, deverá tratar-se de uma área de combustão muito semelhante à estrutura B (em termos funcionais), devendo igualmente aguardar-se os resultados das análises e estudos em curso para uma melhor definição da natureza, estatuto e funcionalidade deste tipo de estruturas.

## 5. Espólios

Não existem grandes diferenças em relação aos espólios recuperados nas anteriores campanhas de escavação. Trata-se do mesmo tipo de tecnologia lítica, que visa sobretudo a obtenção expedita de suportes sobre lasca (de dimensões e morfologia estandardizadas), a partir de matérias-primas de origem local. Verifica-se a mesma tendência para a utilização do quartzo na debitagem de suportes mais pequenos, segundo as mesmas estratégias de redução das massas iniciais. O índice de transformação em utensílios mantém-se muito baixo. O talhe é local, encontrando-se presentes todos os produtos e resíduos de exploração dos núcleos, apesar de se verificar uma maior rarefação das peças de menores dimensões, principalmente em relação à área 1, em resultado dos processos de natureza pós-deposicional já amplamente referidos. Na área 4 foi identificado um conjunto de lamelas debitadas em cristal de rocha e em rocha siliciosa de tipo sílex, constituindo, assim, uma novidade em relação aos tipos líticos recuperados anteriormente.

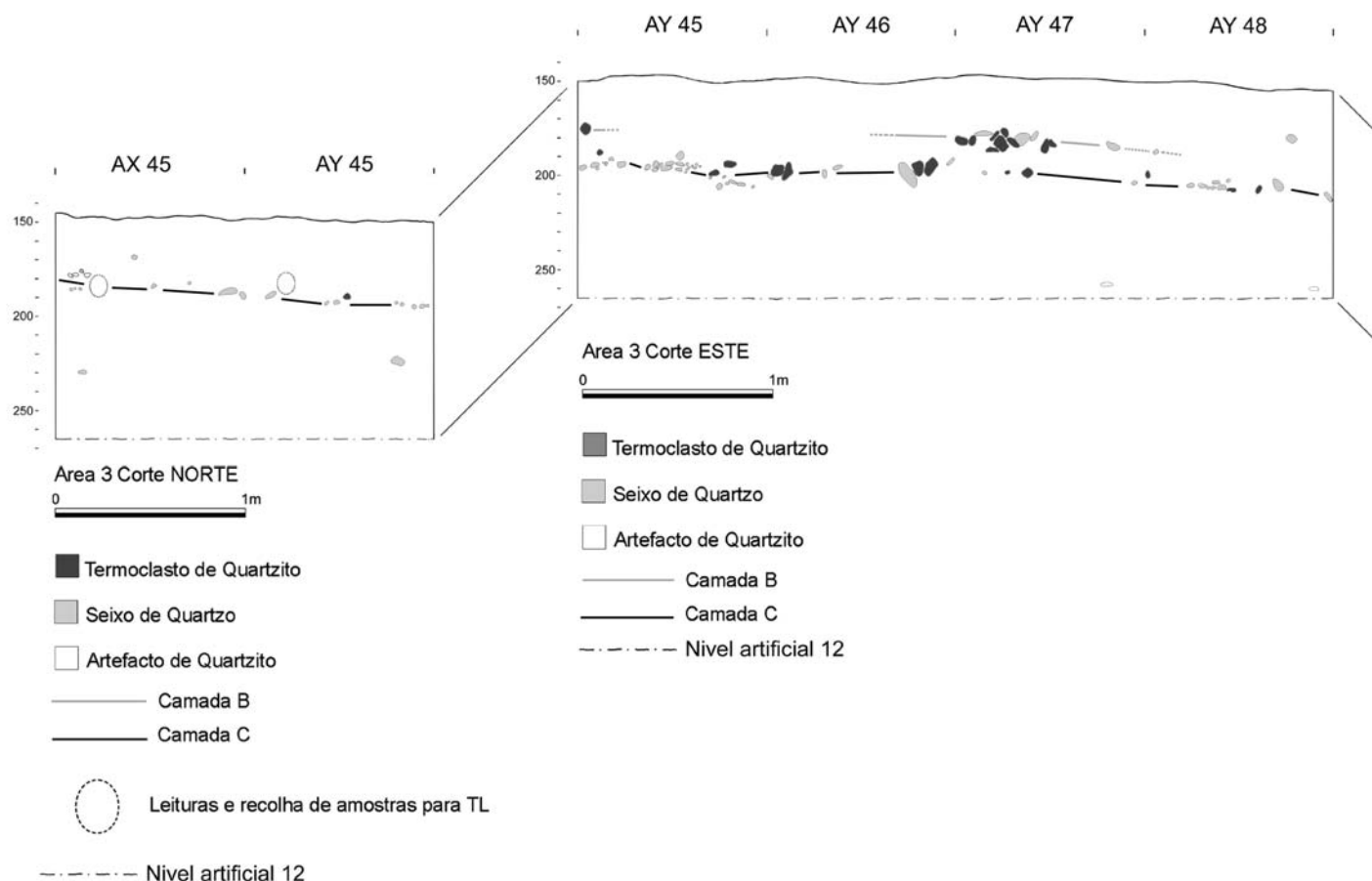
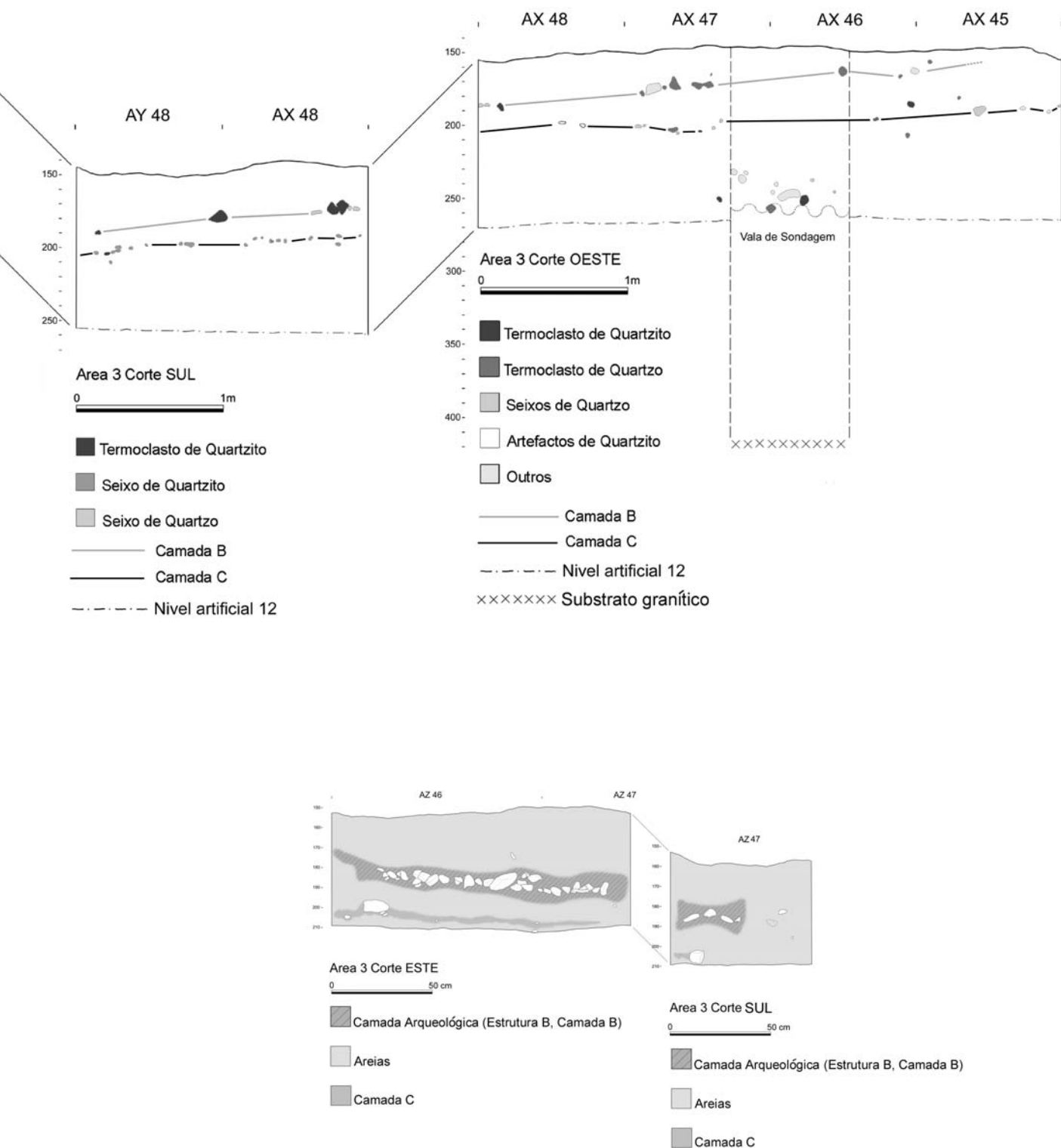


Fig. 26 Área 3, perfis Norte, Este, Sul e Oeste. Ilustração de Guida Casella.

Os restos faunísticos encontram-se também presentes em muito menor escala (e em pior estado de conservação) do que na área 1, não se verificando, aparentemente, alterações em relação às espécies e às porções anatómicas representadas.

Tendo em conta o conjunto de elementos de natureza arqueológica observados nesta jazida é possível que a mesma corresponda a um local especializado no abate de animais e tratamento das respectivas carnes, reocupado periodicamente por grupos humanos epipaleolíticos durante uma fatia de tempo ainda não estimável. Como já foi sugerido anteriormente, a área ocupada pelo sítio apresenta diversos tipos de vestígios que poderão corresponder ou a áreas funcionais distintas ou a diferentes e sucessivos episódios de ocupação do local. Trata-se de um sítio muito complexo em termos dos seus processos de formação e das modificações de natureza pós-deposicional aí presentes, que tem que ser analisado numa perspectiva ampla e nas suas mais diversas componentes.

Aliás, é talvez possível, por outro lado, que a natureza das várias ocupações do local tenha sido constituída por actividades e perfis funcionais idênticos, sendo as alterações pós-deposicionais as principais responsáveis pelas diferenças detectadas entre as várias áreas escavadas. Neste contexto, a área 1, onde as cotas dos níveis de ocupação se apresentam mais elevadas e portanto



Área 2

Fig. 27 Área 3, Estrutura B exposta no perfil Este de AZ 46 e 47 e no perfil Sul de AZ 47. Ilustração de Guida Casella.

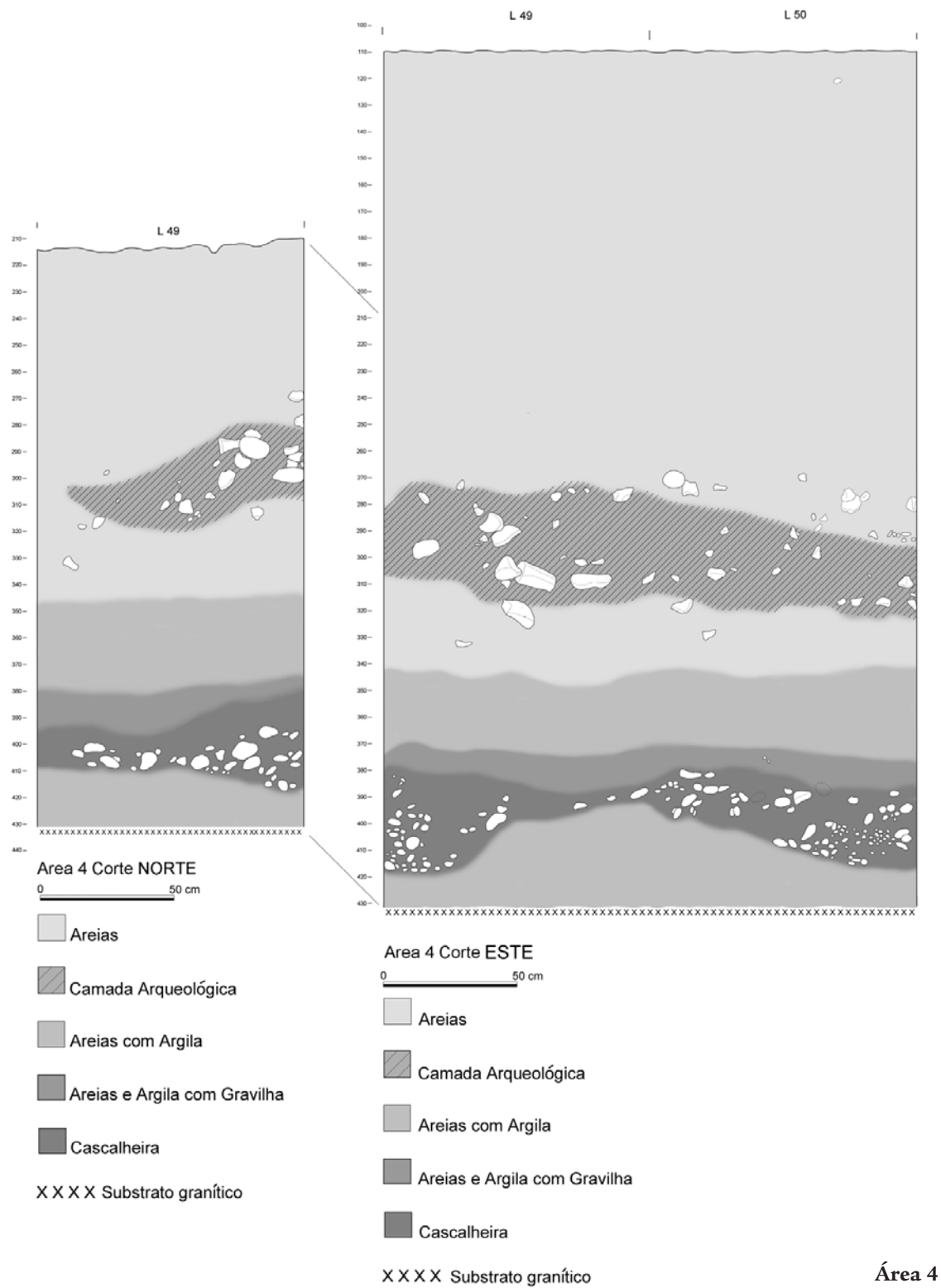
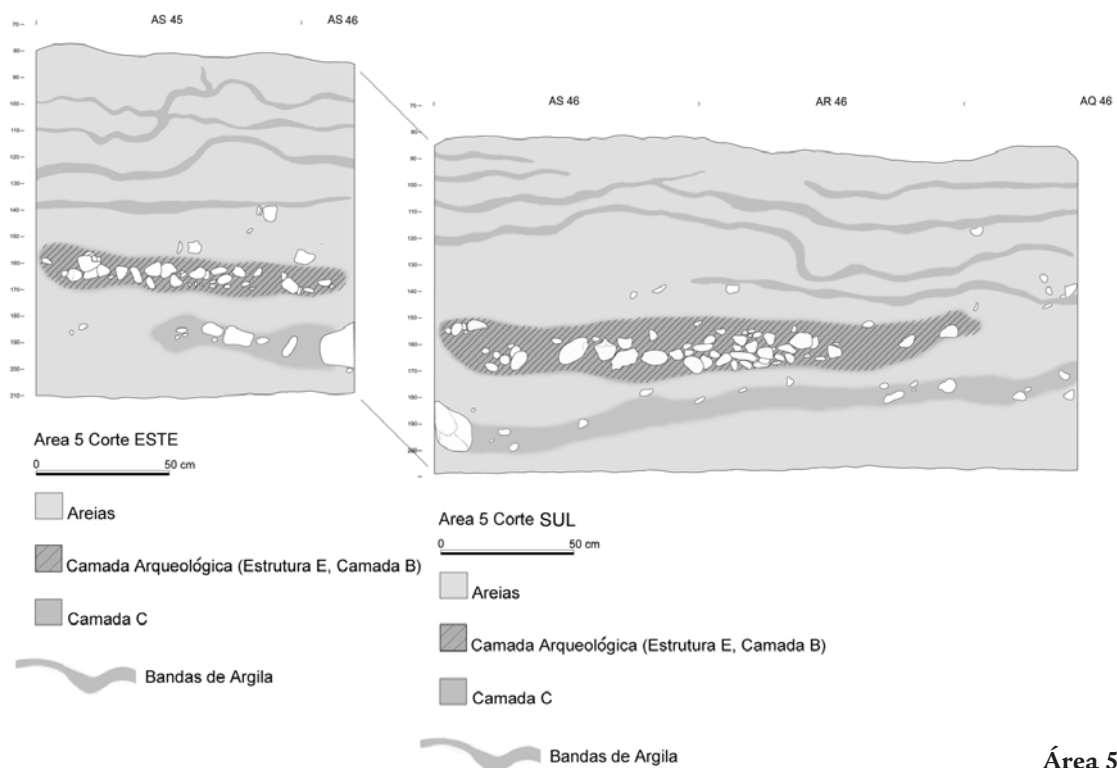


Fig. 28 Área 4, perfis Norte e Este. Ilustração de Guida Casella.



## Área 5

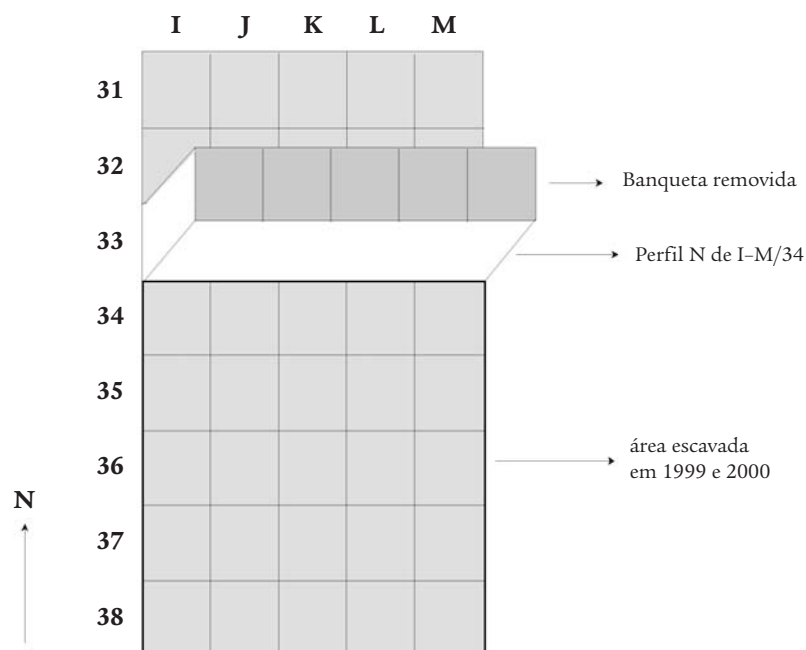
Fig. 29 Área 5, perfil Este de AS 45 e 46 e perfil Sul de AS, AR e AQ 46. Ilustração de Guida Casella.

mais resguardadas do principal agente modificador do local (o Guadiana), acaba por ser aquela que permitirá uma melhor caracterização destas comunidades em termos comportamentais. A riqueza do espólio faunístico, a boa preservação das estruturas aí presentes, a detecção de áreas de talhe bem definidas, e o diminuto grau de perturbações pós-deposicionais (bem aferido nas várias remontagens já efectuadas quer na indústria lítica, quer nos próprios termoclastos) fazem da área 1 da Barca do Xerez o “modelo antrópico” para o local, que deverá, agora que se inicia a fase de estudos, ser devidamente comparado com as outras áreas entretanto escavadas. Esta comparação passará, necessariamente, pela análise detalhada das estruturas de combustão, principal elemento estruturante e presente nos vários níveis arqueológicos detectados, mesmo nos mais afectados pelas perturbações de natureza pós-deposicional.

## 6. Para uma Recuperação do Passado

No seguimento dos trabalhos arqueológicos levados a cabo em 2001 na Barca do Xerez, foi realizada uma última campanha nesta jazida em 2002 com o objectivo de recuperar um dos perfis expostos na área 1 (ver Fig. 2 e esquema exemplificativo que se segue), com vista à sua futura integração num espaço museológico exemplificativo da Arqueologia do Alqueva. Trata-se de um documento único, que testemunha alguns aspectos comportamentais das comunidades de caçadores-recolectores que ocuparam e exploraram este território há cerca de 8000 anos atrás.

Os trabalhos decorreram em duas frentes distintas: de escavação propriamente dita (ver Ponto 6.2.) e de consolidação e remoção do corte (ver ponto 6.3).



### 6. 1. O testemunho

Trata-se de um perfil com cinco metros de largura e sensivelmente um metro de altura (Fig. 30), exposto no seguimento dos trabalhos arqueológicos efectuados na área 1, entre 1999 e 2000. Nestes trabalhos foram detectados dois níveis de ocupação (praticamente sobrepostos dada a fraca resolução estratigráfica nesta área), no primeiro dos quais, o superior, foi detectada uma estrutura de combustão em *cuvette* (Fig. 31), extraordinariamente bem preservada.

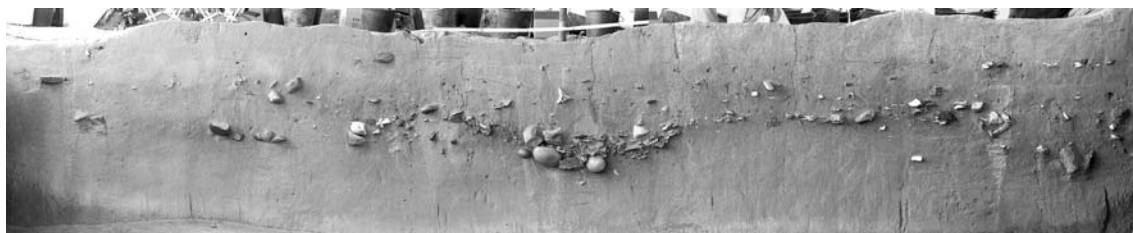


Fig. 30 Área 1, perfil Norte de I-M 34.



Fig. 31 Pormenor da estrutura que se encontra no centro do perfil.



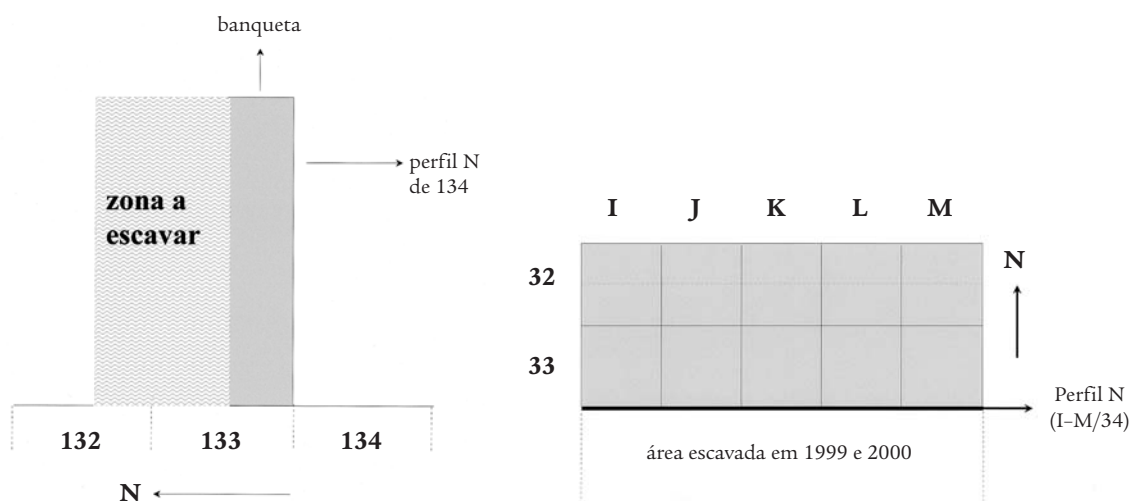
Esta estrutura, que ficou parcialmente exposta no perfil Norte de J 34 (quadrante NE), k34 e L 34 (quadrante NO), encontrava-se embalada em sedimentos arenosos claros, onde era evidente uma intensa actividade térmica, testemunhada, aliás, em M 34, onde se observava, igualmente, uma concentração de termoclastos e outros materiais com sinais claros de rubefacção. A estrutura em *cuvette* referida anteriormente apresenta uma forma alongada, no sentido este-oeste, e foi construída com seixos de quartzito e quartzo de origem local e alguns fragmentos de granito (estes últimos completamente alterados e desfeitos devido à acção do fogo). No seu interior e periferia foram detectados inúmeros restos faunísticos, alguns dos quais ficaram, igualmente, expostos no referido perfil.

Após a conclusão dos trabalhos de 2000, foi de imediato reconhecida a necessidade e importância de preservar este testemunho: estava-se perante um vestígio exemplificativo de alguns aspectos da cultura material das populações pré-históricas que ocuparam este local, e de leitura clara. A hipótese considerada nessa altura era a da moldagem parcial do perfil, circunscrita sobretudo à estrutura em *cuvette*, tendo sido contactados alguns especialistas nacionais e estrangeiros para o efeito. Esta hipótese não teve, porém, seguimento, dada a fragilidade do testemunho e as características dos vestígios aí presentes. Optou-se, então, pela sua remoção integral, solução que levantava dúvidas, implicava custos, sem que o êxito fosse necessariamente garantido. Provou-se, no entanto, que a opção tomada foi, de facto, a correcta, correspondendo plenamente aos objectivos pretendidos.

## 6. 2. A escavação

### 6.2.1. Metodologia

Para remover o perfil foi necessário proceder à escavação da parte de trás do mesmo, de forma a criar uma banquetta de sedimento mais ou menos estável (ver, de seguida, esquemas exemplificativos da banquetta e da área a escavar para a sua libertação).



Foram abertas duas novas fiadas de quadrados para Norte do perfil, correspondentes às unidades I-M / 32 e 33, tendo os trabalhos sido iniciados pelos quadrantes sul da fiada 32. Dado o reduzido tempo disponível para a realização destes trabalhos (lembramos que as comportas do empreendimento do Alqueva foram encerradas no início do mês de Fevereiro), optou-se por abrir o mínimo indispensável para possibilitar a remoção do perfil. A escavação acabou por se circunscrever à fiada 33 e aos quadrantes sul da fiada 32. A metodologia de escavação não diferiu substancialmente da utilizada nas campanhas anteriores, tendo-se optado, no entanto, pelo registo dos artefactos e ecofactos por quadrado, quadrante e nível artificial (de 5 cm), sendo apenas utilizada a coordenação tridimensional nos vestígios considerados mais importante e cujo diagnóstico requeria uma individualização mais fina. A escavação foi conduzida por níveis artificiais de 5 cm, realizando sistematicamente as respectivas topografias de base, tendo sido utilizada a fotografia digital como suporte para o registo e levantamento de estruturas. Os sedimentos não foram crivados, dada a impossibilidade total de tempo para o fazer. Apesar de ter sido utilizada uma metodologia expedita para a escavação da área que libertaria o testemunho, não foi descurado, no entanto, qualquer aspecto considerado fundamental para a compreensão e definição dos vestígios arqueológicos identificados e das respectivas condições de jazida.

### 6.2.2. Condições de jazida

Do ponto de vista das condições de jazida não foram, igualmente, observadas alterações substanciais: confirmou-se o excelente grau de preservação pós-deposicional dos vestígios na área 1, sendo possível, inclusivamente, proceder à remontagem de termoclastos e de artefactos líticos. Apesar da reduzida área escavada (cinco metros de comprimento por um metro e meio de largura), confirmou-se a dupla inclinação dos depósitos para sul (no sentido do Guadiana) e para este (no sentido da ribeira que corre paralelamente à Barca), e talvez uma melhor definição dos dois horizontes de ocupação detectados nos trabalhos de escavação anteriores. Do ponto de vista da distribuição espacial dos vestígios verificou-se que os mesmos aparecem sobretudo nos quadrantes sul, associados às áreas de combustão, ou seja, em concentrações (ver Ponto 6.2.3.), não se verificando, aparentemente, alterações significativas em relação às condições originais de depósito.

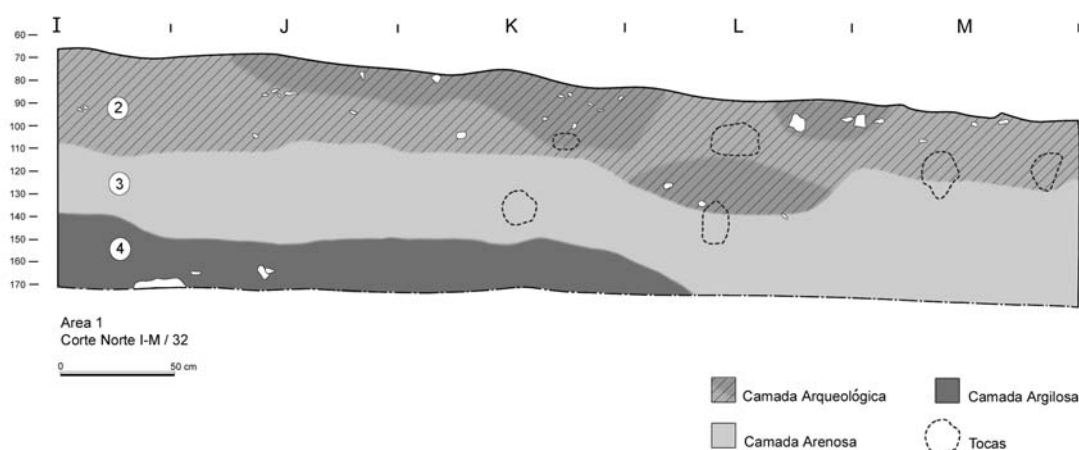


Fig. 32 Perfil Norte de I-M 32. Dado o facto de ter sido necessário remover a 1.<sup>a</sup> camada, esta não se encontra ilustrada neste perfil.

Do ponto de vista estratigráfico (ver Fig. 32), foram isoladas:

#### *Camada 1*

Constituída por areias e siltes de cor castanho-claro, remexidas devido à presença de tocas de coelho e de uma vala de drenagem para águas aberta em volta da área 1 em 1999. É praticamente estéril do ponto de vista arqueológico, à exceção de alguns materiais, sobretudo líticos, cuja presença se deve aos remeximentos do nível arqueológico subjacente. Engloba os níveis artificiais 1 a 4 e apresenta uma espessura média de 20 cm.

#### *Camada 2*

Corresponde ao nível arqueológico principal. Este depósito caracteriza-se por um sedimento arenoso muito antropizado nas zonas de maior concentração de vestígios arqueológicos, que correspondem às áreas de combustão (lareiras F e H), e apresenta uma clara inclinação para sul e este. Nas unidades I e J o nível arqueológico aparece a uma cota superior, dada a inclinação natural dos depósitos. Verifica-se, igualmente, que nos quadrantes norte da fiada 33 a ocupação humana foi menos intensa do que nos quadrantes sul. Com efeito, os sedimentos apresentam-se, no primeiro caso, menos compactos e com uma coloração mais clara do que no segundo, sendo igualmente menor a percentagem de restos arqueológicos. Esta camada apresenta uma espessura média de 40 cm (em K 33, porém, na zona da estrutura F, a camada 2 chega a atingir uma espessura de cerca de 60 cm).

#### *Camada 3*

Trata-se da continuação do pacote sedimentar anterior, caracterizado por areias e siltes de coloração castanho claro, praticamente estéril do ponto de vista arqueológico. Em I 33, quadrantes sul, e J 33, quadrante SO, nível 9, foi detectada, porém, uma lareira construída com seixos de quartzito e quartzo (mais raros) e alguns fragmentos de granito (Estrutura G). Corresponde à mesma estrutura já escavada em I e J 34, na primeira fase de trabalhos na área 1, e encontrava-se definida no perfil Norte destas unidades por uma mancha mais negra de sedimentos. Do ponto de vista estratigráfico, esta estrutura é anterior ao horizonte de ocupação definido pelas estruturas F e H. Foi recolhida uma amostra para análise micromorfológica na base desta estrutura.

#### *Camada 4*

Sedimento argiloso, estéril do ponto de vista arqueológico.

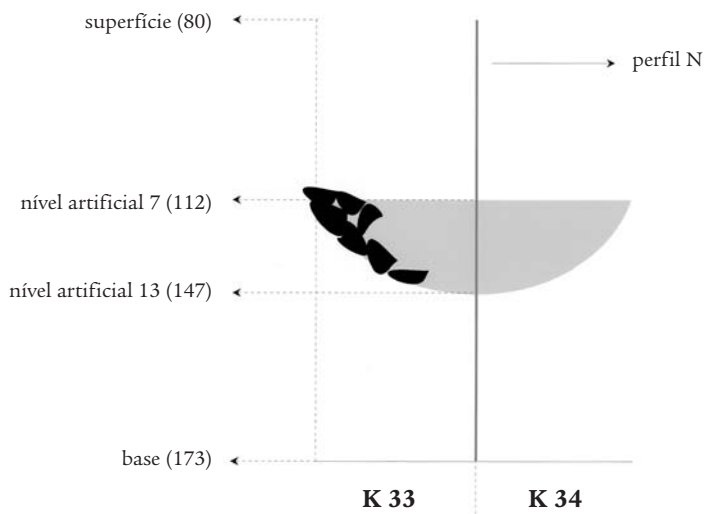
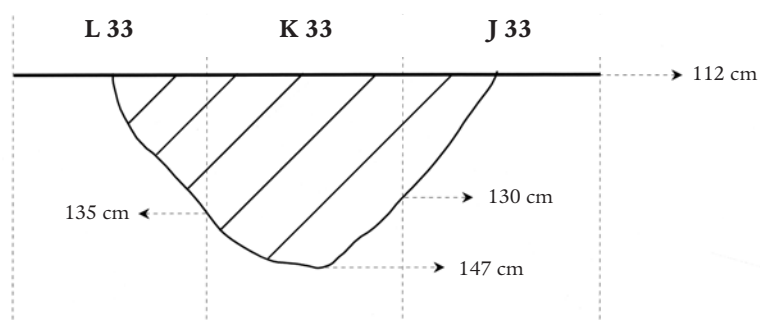
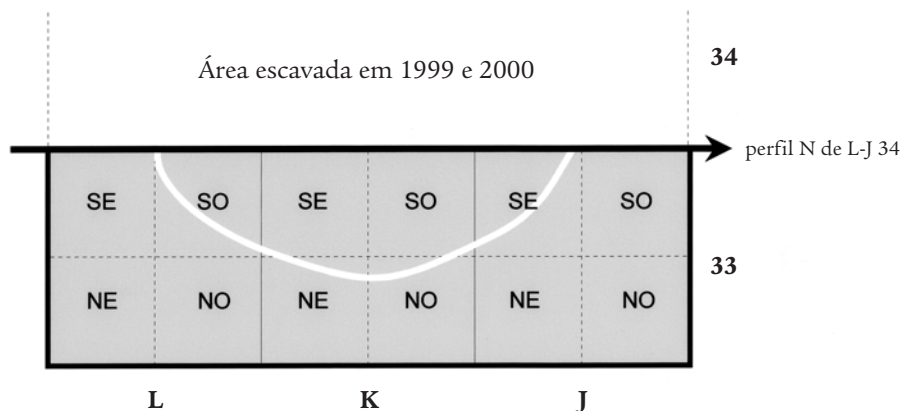
Não foi possível, ainda, estabelecer as devidas correlações entre a sequência (sedimentar e arqueológica) posta a descoberto na área 1 e as sequências escavadas nas restantes áreas. A abundância de restos faunísticos na área 1, associada às condições de preservação da generalidade dos vestígios aí presentes sugere, porém, que este espaço possa ter funcionado como recinto privilegiado para o tratamento e aproveitamento da carne dos animais abatidos. Esta hipótese terá que ser, necessariamente, confirmada.

### *6.2.3. Estruturas*

Foi concluída a escavação das estruturas que se prolongavam para o interior do perfil Norte, e que se circunscreviam, praticamente, aos quadrantes sul da fiada 33.

**Estrutura F**

Ocupava o quadrante SO de L 33, os quadrantes SE e SO de K 33 e o quadrante SE de J 33, estendendo-se dos níveis artificiais 7 a 13 (camada 2), entre os 112 e os 147 cm de profundidade (ver esquemas ilustrativos da área ocupada, desenvolvimento em profundidade e posicionamento estratigráfico da Estrutura F).



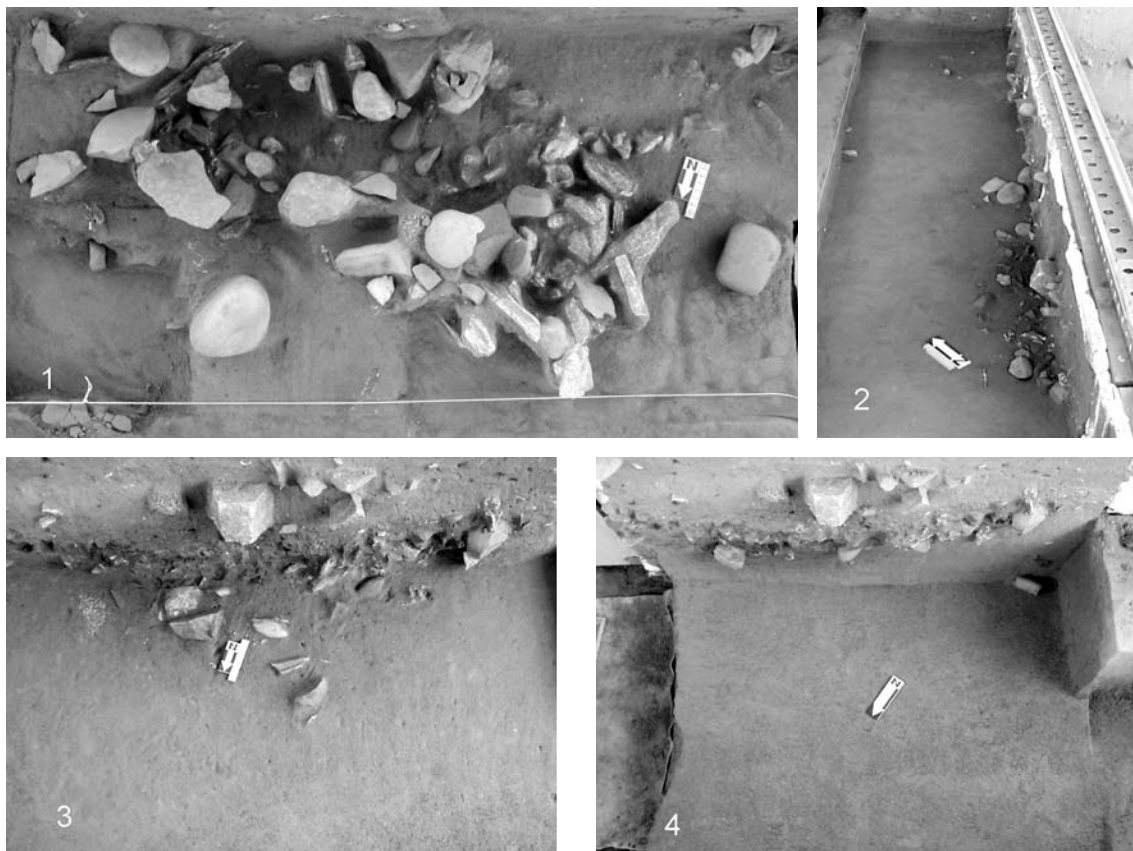


Fig. 33a Estrutura F. 1. base do nível 9; 2. vista da estrutura a partir de I 33 (na base do nível 10); 3. base do nível 11; 4. perfil Sul de K 33.

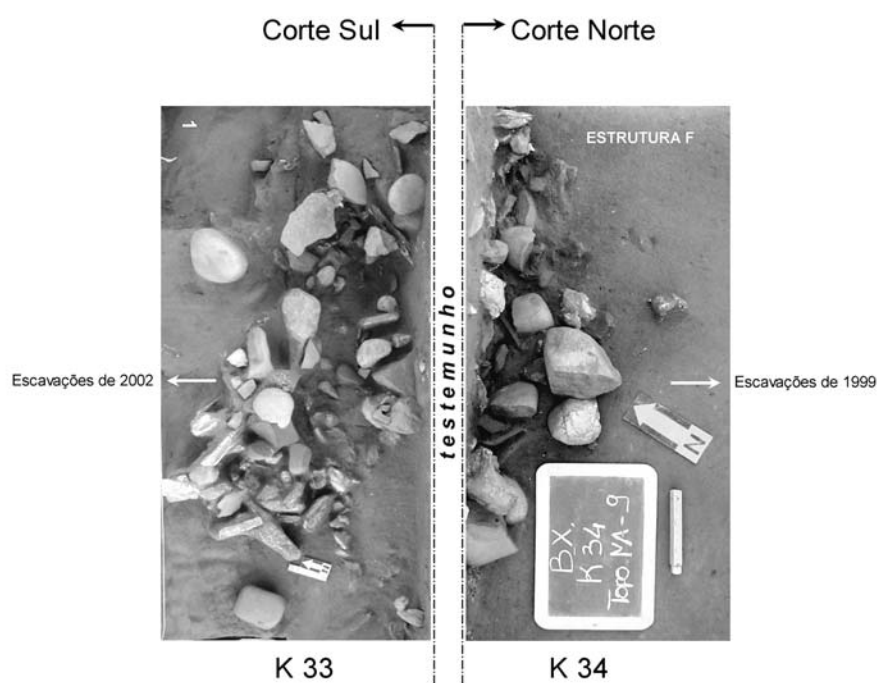
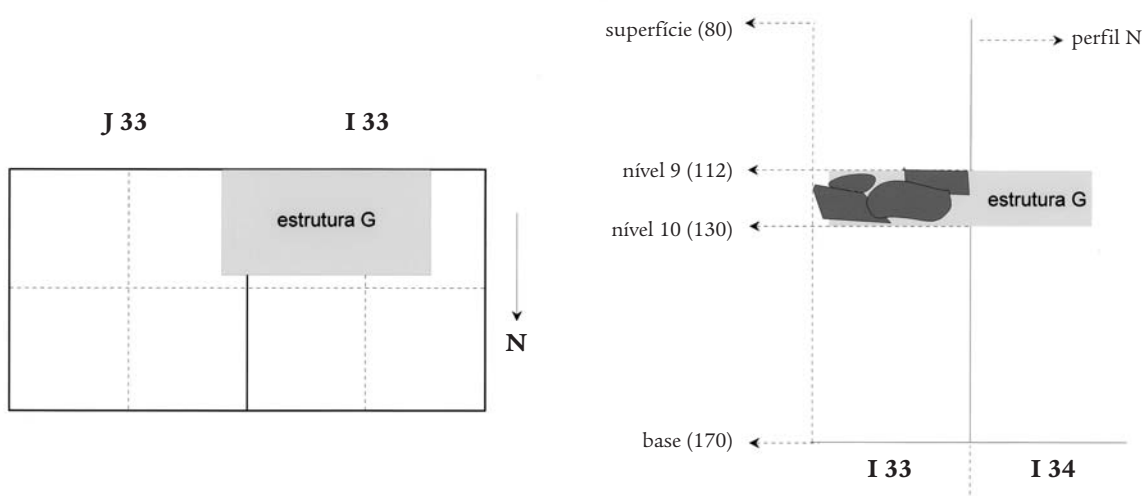


Fig. 33b Estrutura F, planos da base do nível artificial 9 (escavações de 1999 e 2000).

Esta estrutura encontrava-se delimitada por seixos rolados de quartzito, de quartzo e alguns fragmentos de granito, que apresentavam sinais muito claros de rubefacção. No seu interior foram recolhidos inúmeros materiais arqueológicos, de que se destacam os restos faunísticos, que se encontravam embalados num sedimento arenoso compacto e escuro (de cor negro acinzentado) devido à acção do fogo. Tanto a estrutura como os materiais que a compunham apresentavam um padrão similar de orientação (para sul e este) e inclinação (sub-vertical e vertical), sendo evidente o excelente grau de preservação destes vestígios (Fig. 33a). Foram recolhidos carvões e amostras de sedimentos para posterior análise.

### Estrutura G

Ocupava parcialmente o quadrante SO de J 33 e os quadrantes SE e parte de SO de I 33. Apareceu no nível 9, a cerca de 120 cm de profundidade, e terminou na base do nível 10, a cerca de 130 cm de profundidade (ver esquemas exemplificativos da área ocupada pela Estrutura G e do seu posicionamento estratigráfico, e Fig. 34).



Esta estrutura encontrava-se embalada na camada 3, de sedimentos arenosos de coloração castanho claro, que adquiriam, no seu interior, uma tonalidade mais escura. Apresentava morfologia rectangular e, na sua construção, foram utilizados seixos de quartzito e quartzo de arestas fundamentalmente angulosas, e alguns calhaus de granito, que expunham diversas fracturas térmicas (Fig. 34). Estes termoclastos encontravam-se, na sua maioria, dispostos na horizontal. Contrariamente ao observado em relação à estrutura F, não foi praticamente encontrado qualquer outro vestígio, lítico ou faunístico, associado a esta estrutura de combustão. Tendo em conta as suas características internas (morfologia, elementos constituintes) e o seu posicionamento estratigráfico, esta estrutura deverá ter sido produzida num momento anterior à ocupação definida pela estrutura F. Poderá ser observada, aliás, no perfil oeste de I 33 (ver Fig. 34, n.º 3) a inclinação dos depósitos para sul e o posicionamento estratigráfico do nível arqueológico embalado na camada 2, que se encontra a uma cota claramente superior à da estrutura G.

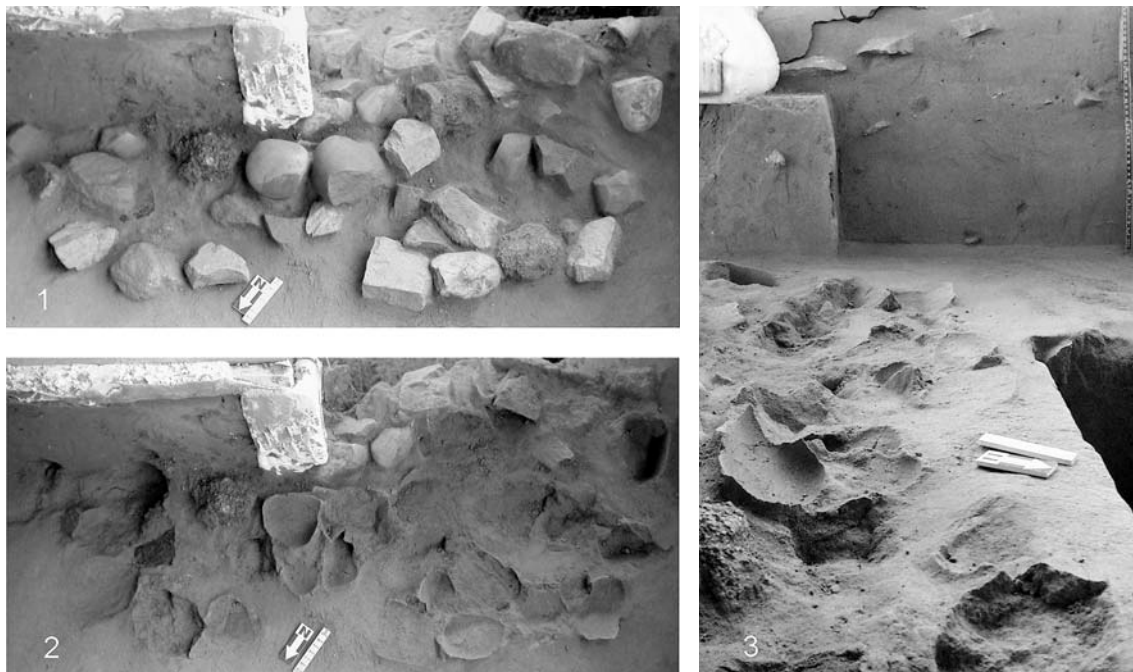
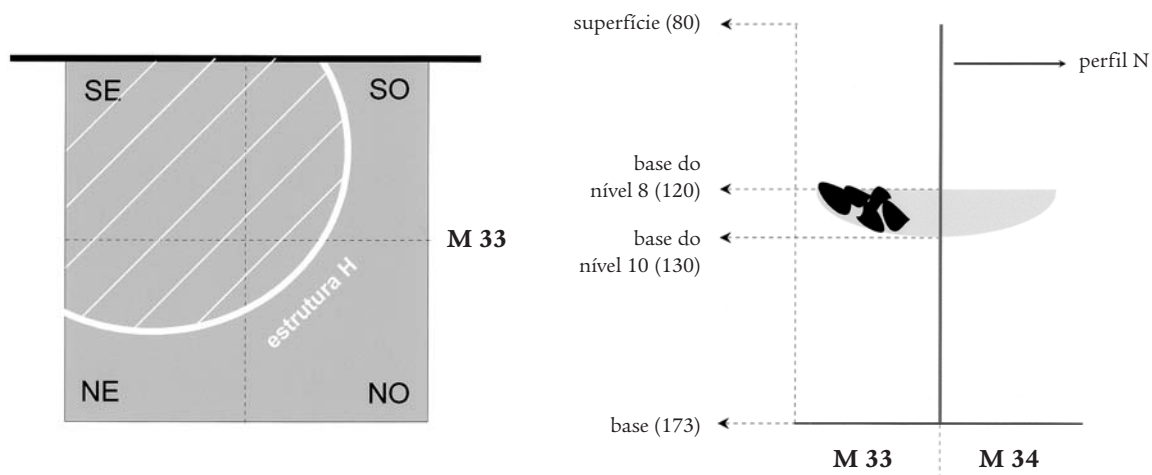


Fig. 34 Estrutura G. 1. base do nível 9; 2. negativos das *camas*, após a remoção dos termoclastos; 3. perfil Oeste de I 33.

### Estrutura H

Detectada em M 33, na base do nível 8, a cerca de 120 cm de profundidade, terminando na base do nível 10 (ver esquemas ilustrativos da área ocupada pela Estrutura H, morfologia, e respectiva implantação estratigráfica).



Esta estrutura tinha sido já parcialmente escavada em 1999 e 2000, ou seja, a porção embalada no quadrado M34, mas prolongava-se para o interior do respectivo perfil norte. Tratava-se de uma lareira de forma subcircular, constituída por termoclastos de quartzo e quartzito e alguns calhaus de granito, dispostos maioritariamente na vertical e subvertical (Fig. 35), à semelhança da estrutura F. Os sedimentos que a embalavam encontravam-se extremamente compactos e com uma coloração escura (castanho acinzentado); na sua periferia, porém, apresentavam uma tonalidade clara, sendo facilmente escavados. Foram recuperados inúmeros restos líticos e faunísticos no interior desta estrutura, apresentando, a maioria, sinais evidentes de rubefacção.



Fig. 35 Estrutura H, na base do nível 9.

### 6.3. Remoção do corte

A concepção e a realização do trabalho de preparação, consolidação e remoção do perfil foram da responsabilidade de Francisco Miguel Sousa Salvador e de José Perdigão, com a colaboração e supervisão dos arqueólogos responsáveis pela jazida.

#### 1.ª Fase

Impregnação de consolidante *Primal* na superfície do perfil, com uma concentração de 5%, numa primeira fase, e 10%, numa segunda, e aplicação pontual de Silicato de Etilo nas respectivas fissuras (utilizando, previamente, a acetona para desumidificar os sedimentos).

#### 2.ª Fase

Abertura de um corredor com cerca de 20 cm de altura e 10 cm de profundidade na base do perfil, para a colocação de uma banquetta de tijolos e argamassa. Este sistema tinha como objectivo criar uma superfície de suporte do perfil e uma base para a sua posterior remoção. Escavação de uma faixa de sedimentos com cerca de 12 cm de largura e 15 cm de altura no topo do perfil, para a colocação de uma calha em metal (Figs. 36 e 37). Este sistema garantia a imobilização total do perfil, à medida que os trabalhos de escavação o iam libertando dos sedimentos a que se encontrava ligado.



Fig. 36 2.ª Fase de Trabalhos no Testemunho.





Fig. 37 2.ª Fase de trabalhos. Pormenor da base do testemunho.

### 3.ª Fase

Abertura de quatro sulcos perpendiculares ao perfil, com cerca de 12 cm de largura e 10 de profundidade, de forma a criar as quatro secções em que se subdividiria posteriormente o testemunho (Fig. 38.1).

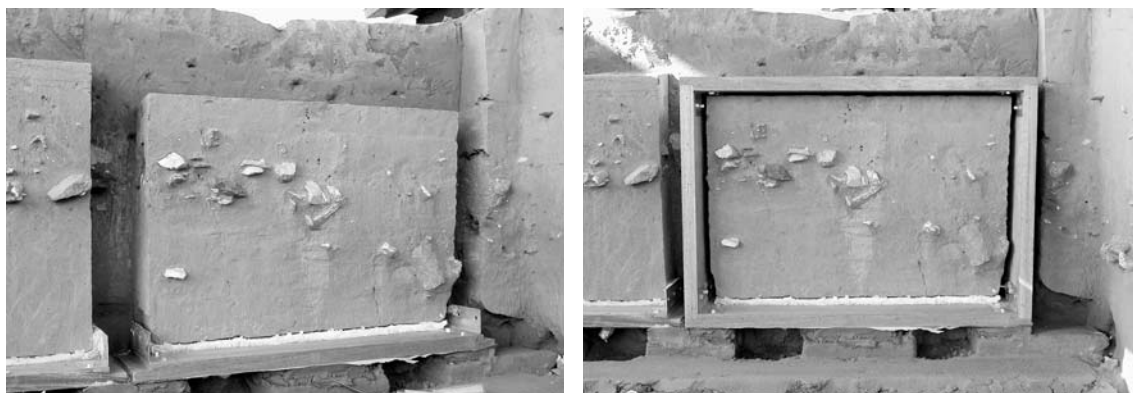


Fig. 38 3.ª (1) e 4.ª (2) fases de trabalho no testemunho.

A primeira secção, com 53 cm de altura, 83 cm de largura e 15 cm de espessura, englobava a parte do perfil correspondente à quase totalidade do quadrado M 33/34 (perfil norte). A segunda secção, com 53 cm de altura, 73 cm de largura e 15 cm de espessura, englobava a parte do perfil correspondente a parte do quadrado L 33/34. A terceira secção, com 53 cm de altura, 113 cm de largura e 15 cm de espessura, englobava a parte do perfil correspondente ao quadrado K 33/34 e a uma pequena parte de J 33/34. A quarta secção, com 53 cm de altura, 103 cm de largura e 15 cm de espessura, englobava a parte do perfil correspondente ao quadrado J33/34 e a uma parte de I 33/34.

#### 4.ª Fase

Colocação de caixas de madeira em cada uma das secções (apenas as partes laterais), que se encontravam reforçadas, na parte posterior, por uma estrutura metálica em cruz (Fig. 38.2). Os vestígios arqueológicos que sobressaíam do corte foram devidamente protegidos e acomodados (com papel celofane, esponja e esferovite) (Fig. 39).



Fig. 39 Protecção dos vestígios que sobressaíam do testemunho.

#### 5ª Fase

Colocação das respectivas tampas. Estas apresentavam pequenas aberturas através das quais foi injectado, para o interior, poliuretano expansível. De modo a evitar que o mesmo exercesse pressão sobre os sedimentos e vestígios arqueológicos (apesar dos meios utilizados para a sua protecção), estas aberturas funcionaram, igualmente, como saídas para o escoamento do produto em excesso (Fig. 40.1).

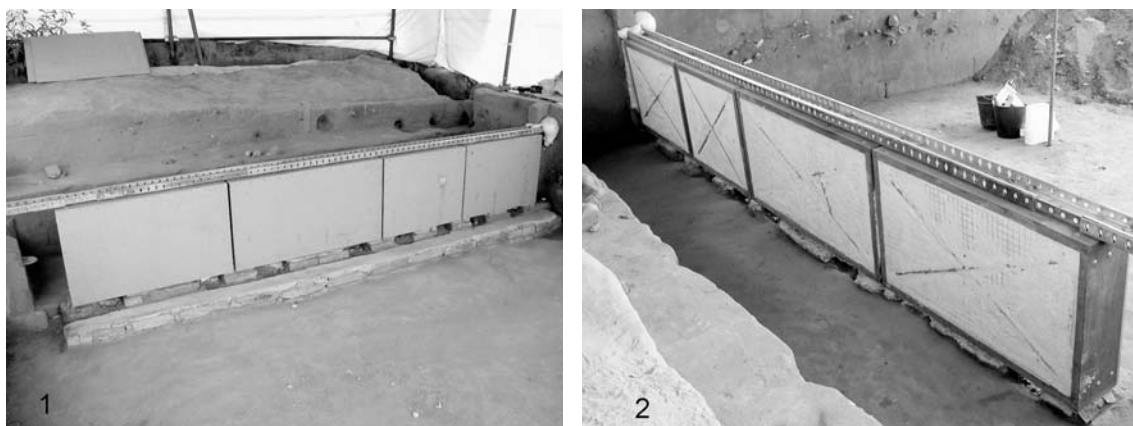


Fig. 40 Parte anterior (1) e posterior (2) do testemunho, após a conclusão dos trabalhos.

### 6ª Fase

Preparação, consolidação e protecção da parte posterior do perfil, seguindo os mesmos procedimentos, e encerramento das caixas (Fig. 40.2).

### 7ª Fase

Remoção e transporte, em viaturas todo o terreno, das caixas com as secções do perfil no seu interior.

No princípio de Abril terminam os trabalhos de escavação na Barca do Xerez de Baixo, pouco tempo antes da submersão definitiva do sítio pelas águas do Guadiana. O testemunho conservado deverá ser integrado num futuro espaço museológico exemplificativo da História da Arqueologia do Alqueva.

---

#### NOTAS

\* Instituto Português de Arqueologia

<sup>1</sup> ALMEIDA; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P.; VALENTE, M. J. (1999) – Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 25-38.

<sup>2</sup> Daniel Richter e Anthony Zinc,  
Laboratório de Termoluminiscência do ITN